



**Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"**

PEDRO HENRIQUE DE MORAES HOLMO

**JULGAMENTO DE NUREMBERG: ASCENSÃO E QUEDA DO
NAZISMO.**

**Assis-SP
2017**



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

PEDRO HENRIQUE DE MORAES HOLMO

**JULGAMENTO DE NUREMBERG: ASCENSÃO E QUEDA DO
NAZISMO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA –, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Dr. Jesualdo Eduardo de Almeida Junior.

Área de concentração: Sociologia do Direito.

Assis-SP

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

HOLMO, Pedro Henrique De Moraes

Julgamento de Nuremberg: Ascensão e Queda do Nazismo, Pedro Henrique De Moraes Holmo. FEMA – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS. Assis, 2017.

73 páginas.

Orientador: PROF. DR. Jesualdo Eduardo De Almeida Junior. Trabalho de Conclusão de Curso de Direito– Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

1. Julgamento 2. Nazismo

CDD: 341.435

Biblioteca da FEMA

JULGAMENTO DE NUREMBERG: ASCENSÃO E QUEDA DO NAZISMO.

PEDRO HENRIQUE DE MORAES HOLMO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do curso de graduação, analisado pela seguinte comissão examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Jesualdo Eduardo de Almeida Junior.

Analisador: Hilário Vetore Neto

Assis-SP

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui. Dedico também, aos milhões de inocentes mortos durante os anos do Holocausto, e também aos meus pais Lucia e Edson dos quais sempre me apoiaram minha vida toda e a minha namorada Polliana Chacon que sempre está ao meu lado me ajudando nos desafios diários.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente meu agradecimento é para Deus, pelas oportunidades que me concede e pela força para enfrentar e vencer os desafios enfrentados ao longo de minha vida.

Agradeço a minha família, sendo estes meus pais Lucia e Edson Holmo, e minha irmã Natália, por estarem sempre comigo independente das vitórias ou derrotas e por me apoiarem nas minhas decisões, sendo a base que sustenta minha vida.

E também agradeço a minha querida namorada Polliana Chacon Martins, sendo ela minha amiga, companheira, da qual é uma pessoa que posso sempre confiar e ter ao meu lado nos momentos felizes e tristes de minha vida e que sei que tenho o seu amor como ela tem o meu.

E por fim agradeço ao meu orientador e professor Jesualdo, que ao longo desse ano se dedicou e me estimulou nessa etapa com sua paciência e conhecimentos.

A todos, meu sincero obrigado.

“APESAR DE TUDO EU AINDA CREIO NA BONDADE HUMANA.”
ANNE FRANK.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de esclarecer como o nazismo tomou conta da Alemanha nos anos 30 e 40, destacando seus motivos para iniciar uma guerra de agressão, perseguir e exterminar milhões de judeus. Contudo desde o surgimento do Partido Nazista até sua queda e extinção em 1945, com o término da 2ª Guerra Mundial.

Palavras - chave: Nazismo – Crimes Contra a Humanidade – Holocausto.

ABSTRACT

The present work has the intention to clear how Nazism took over Germany in the 30's and 40's highlighting your reasons to start an aggression war, to stalk and to exterminate millions of jews. Telling since the beginning of Nazi Party, until its fall and extinction in 1945, with the end of 2and World War.

Palavras - chave: Nazism – Crimes Against Humanity – Holocaust

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
---------------------------	-----------

Capítulo 1 – Do início da 1º Guerra ao Holocausto

1.1 A Primeira Guerra Mundial.....	13
------------------------------------	----

1.2 Ascensão nazista.....	16
---------------------------	----

1.3 O nazismo no poder.....	20
-----------------------------	----

1.4 A Segunda Guerra e a solução final.....	21
---	----

Capítulo 2 – Conceito de raça pura

2.1 A perseguição nazista.....	25
--------------------------------	----

2.2 Kristallnacht.....	31
------------------------	----

2.3 A guerra total.....	32
-------------------------	----

2.4 A Operação Barbarossa.....	36
--------------------------------	----

2.5 Declínio da Alemanha na guerra.....	39
---	----

Capítulo 3 – O fim da guerra e necessidade de um julgamento

3.1 A escolha de Nuremberg.....	41
---------------------------------	----

3.2 Entregando as devidas acusações.....	44
--	----

3.3 Os juízes aliados.....	59
----------------------------	----

3.4 Os nazistas em julgamento.....	50
------------------------------------	----

3.5 Os veredictos finais.....	58
-------------------------------	----

3.6 Absolvidos, porém indesejáveis.....	67
---	----

3.7 Os Julgamentos dos Médicos.....	67
-------------------------------------	----

3.8 A importância dos julgamentos.....	69
4. Considerações finais.....	70
5. Referências.....	72

INTRODUÇÃO

No final de Janeiro de 1933, quando Adolf Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha, o mundo não previa o que aconteceria em seguida. Em apenas poucos meses seu Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP, em alemão) – os nazistas – tinham suspenso quase todas as liberdades civis, destruindo todas as organizações sócias, políticas e econômicas e estabelecendo um país de único partido; perseguiu seus próprios cidadãos começando com os seus adversários políticos, comunistas e sociais – democratas, logo perseguindo judeus e outros dos quais eram classificados com impróprios para o regime.

Porém de fato, o ato que mudara e moldara a questão política e social do mundo, fora a 2º Guerra Mundial, uma guerra de agressão que teve início pelos nazistas em 1939, sendo está o maior conflito bélico da humanidade, que não só trouxe destruição e caos para grande parte do mundo, junto com um saldo enorme de mortes, além do Holocausto, sendo marcado pelo altíssimo nível de onde a crueldade humana pode chegar.

Este trabalho de monografia irá mostrar como os nazistas alcançaram o poder, de modo que a 1º Guerra Mundial resultou no Tratado de Versalhes, que este ajudou afundar à Alemanha em uma crise econômica e moral, além dos fatos que levaram os nazistas perseguirem e matar milhões em nome da ideologia nacional – socialista; até sua decadência quando seus principais líderes foram julgados no Julgamento de Nuremberg pela sua obediência cega e fanática em Hitler, que sem esse apoio incondicional, essa trágica história do mundo poderia ser evitada.

1. DO INICIO DA 1ª GUERRA AO HOLOCAUSTO

1.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

O presente capítulo desta monografia, irá abordar os primeiros anos do século XX, explicando os antecedentes da 1ª Guerra Mundial, mostrando os efeitos da perda da guerra para Alemanha, como a crise que se arrastou no país nos anos 20, e o surgimento do nazismo que prometeu reerguer a nação, mas que na verdade só trouxe o sofrimento para a população europeia da época e por ultimo; será abordado o Holocausto que se dizimou – se milhões de vidas inocentes.

Podemos dizer que as décadas entre 1870 e 1914, foram anos prósperos, onde sempre se é lembrado pela estabilidade e valores seguros. De fato, esse período existiu, por conta do desenvolvimento tecnológico, e científicos presentes no final dos séculos XIX e início do século XX.

Com o aumento desse desenvolvimento, as nações e impérios, também cresciam, de acordo com LUIZ CESAR B. RODRIGUES (2002, p.6):

Durante as primeiras décadas do século XX, a Europa mantinha ainda inalterada a sua posição de centro político, cultural e militar no mundo, obrigando os outros continentes a gravitarem ao seu redor. Duas nações não europeias – os EUA e o Japão – começaram a emergir como potências no cenário internacional, ambas já desempenhando um papel primordial nas suas respectivas áreas de influência.

Por conta desse grande crescimento, cada país sentia seu futuro e existência ameaçados por outras nações. Por conta desse medo e também para garantir sua hegemonia, a Grã – Bretanha cria seu primeiro tratado, nos anos 1904, assinado a Entente Cordial com a França e logo a Tríplice Entente, como Grã Bretanha – França – Império Russo.

Nos primeiros anos de 1900, o Império Otomano ia sofrendo com sua eventual queda, e por conta dessa decadência, se vai criando um espaço (mais precisamente, a Península Balcânica) para ser preenchido; sendo cobijado então pela Sérvia, que por esse motivo acaba gerando um conflito com o Império Austro – Húngaro, onde este almeja fixar seu poder nessa área. Os russos por sua vez prometem apoio aos sérvios e o Império Alemão se comprometem com os austros – húngaros.

É essa crise balcânica, que oferece motivos para um eventual conflito armado. O pretexto da 1ª Guerra Mundial é o assassinato de Francisco Ferdinando da Áustria e sua esposa, em Sarajevo, no ano de 1914.

De fato essa crise, poderia gerar uma guerra regional, mas a hostilidade entre os países era grande, como explica MARIO ISNENGI (1995, p.15):

A Grã – Bretanha vê com crescente inquietude a capacidade de penetração alemã nos mercados internacionais e procura contê-la, propondo acordos, sempre rejeitados, para diminuir a capacidade de crescimento da frota militar e comercial alemã.

Aliás, havia as crescentes ideologias nacionalistas, que acabou gerando uma onda de agressividade. Mas de fato, nem povos e nem governantes desejavam uma guerra, mas ninguém acreditava também em uma eventual paz.

A declaração de guerra da Áustria a Servia ocorreu, em 28 de Julho de 1914, pôs em ação um conflito que trouxe a Alemanha do lado dos austríacos, e do outro os russos e franceses junto com os sérvios (a Inglaterra se juntaria logo após os alemães invadirem a Bélgica).

O mundo via pela primeira vez, um conflito, de escalas globais, arrastando – se para campos de batalhas ingleses, franceses, alemães, russos, austríacos, sérvios e etc. Na verdade se tratava da “primeira guerra industrial”; o grande avanço tecnológico das décadas passadas, proporcionaram, um vasto arsenal bélico para os exércitos da época. ISNENGI (1995) relata, “Em Toulouse, uma fábrica de pólvora para canhões que antes da guerra tinha 100 operários passa a 4.000 em Junho de 14, sobe para 20000 um ano mais tarde e em 18 atinge 30.000”.

Do contrário da 2ª Segunda Guerra Mundial, por ser lembrada pela rápida mobilidade (tanto por ar, terra e água), a 1ª Guerra é vista por sua quase absoluta imobilidade das tropas, que se caracteriza o conflito. Em trincheiras, que não passavam de buracos escavados as pressas, os soldados eram obrigados por dias e noites, esperarem e agüentarem a ordem de ataque, em direção da trincheira inimiga, de onde saíam rajadas de tiros.

Outro ponto característico do conflito, são os próprios soldados, que podem se dizer que foram “produzidos em larga escala”. Houve uma grande mobilização de homens para completar os exércitos. A Grã – Bretanha foi a primeira da época a reestruturar o seu serviço militar, passando de soldados profissionais para cidadãos – soldados. Agora médicos, advogados, estudantes, homens civis no geral iam para o front.

A guerra se arrastaria até 1918, com o armistício de 11 de Novembro, tirando a vida de 18 milhões de pessoas. Nenhum conflito até esse mudaria tanto o mapa geopolítico do mundo, deixando de existir os Impérios Austro – Húngaro, Alemão, e Russo. No ano seguinte começaria a paz dos vencedores, e o julgamento dos perdedores. Coube ao povo alemão aceitar ser o responsável pela guerra, com o Tratado de Versalhes, impostos pelos países Aliados. A Alemanha por sua vez, sentiu-se humilhada. Para ARNAUT E MOTTA (1996, p. 14):

O tratado foi considerado humilhante e injusto pelos representantes alemães. No entanto como país derrotado, a Alemanha não pode impor sua vontade sendo obrigada a concordar com os termos do “acordo”, também chamado de *DIKTAT* (ditado em alemão).

A Alemanha perdeu um 1/7 do seu território e um 1/10 da sua população, e ainda teve de pagar uma indenização de guerra no valor de 269 milhões de marcos – ouro em reparação de danos para os vencedores. O tratado não só se mostrou ineficiente, como foi uma das causas da 2ª Guerra Mundial.

1.2 ASCENÇÃO NAZISTA

Dessa guerra perdida, surgia Adolf Hitler, austríaco nascido em 20 de Abril de 1889, na pequena cidade Braunau am Inn, filho de um funcionário da Alfândega. Na contramão do desejo de seu pai, de seguir a vida de um funcionário público, o então jovem Hitler muda-se para Viena em 1907, com um sonho de entrar na Academia de Artes Gráficas (foi reprovado duas vezes). Foi em Viena, que por relato próprio, seus olhos abriam para as ameaças do marxismo e judaísmo: “Nesse tempo abriram – se- me os olhos para dois perigos que eu mal conhecia pelos nomes e que, de nenhum modo, se me apresentavam na sua horrível significação para o povo germânico: marxismo e judaísmo”. (Adolf Hitler, Minha Luta)

A população judaica na capital austríaca era maior que qualquer outra cidade alemã, abrigando ainda judeus pobres do resto da Europa Oriental; conseqüentemente teve os primeiros contatos com o anti-semitismo, aprendendo muito com o líder Social Cristão e também prefeito da capital vienense, Karl Lueger.

Com o termino da guerra e arrasado com a derrota, em Munique, Hitler descobre e filia-se ao nacionalista e racista *Deutsche Arbeiterpartei* (Partido dos Trabalhadores Alemães), liderado pelo chaveiro Anton Drexler. Foi nesse partido que Hitler descobre seu dom da oratória, que por seus discursos aumenta sua influência com seus seguidores.

No dia 24 de Fevereiro de 1920 o partido, muda seu nome para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Pelo próprio nome o partido pretendia mesclar características nacionalistas e “socialistas”. Nas palavras do escritor e historiador DICK GEARY (2010, p.12):

Reivindicava não apenas a revisão do Tratado de Versalhes e a devolução dos territórios perdidos como resultado do tratado de paz (partes da Polônia, Alsácia e Lorena), mas também a unificação de todos os alemães étnicos em um único Reich.

Como Hitler era um dos principais proponentes *Dolchstoßlegende* (lenda da punhalada pelas costas), crença que alegava que a guerra fora perdida pela sabotagem do esforço de guerra por conta dos socialistas, bolcheviques e judeus alemães. Esses judeus alemães deveriam perder cidadania e cargos políticos, de modo de que daqueles que tivessem chegado à Alemanha a partir de 1914 deveriam ser deportados.

Dois anos antes da criação do Partido Nazista foi se estabelecida na Alemanha a frágil e curta República de Weimar, onde esta teve que lidar com as dificuldades diplomáticas e econômicas imposta pelo Tratado de Versalhes; os problemas vindo da nova Constituição, ausência de um consenso democrático, a inflação nos seus primeiros anos e a depressão ao seu final. Agora, quais desses problemas citado teve uma forte contribuição para o Nazismo?

As condições do Tratado de Versalhes (que por sua vez só vieram a conhecimento no verão de 1918) deram como responsáveis as potências centrais (Alemanha e a Áustria – Hungria) pela eclosão da guerra. A Alemanha deveria pagar grandes reparações para potências vitoriosas da Entente (que ajudou a aprofundar sua crise financeira). Além das reparações a Alemanha perdeu todas as suas colônias para os vitoriosos, incluindo parte de seus territórios orientais para a Polônia. A Alsácia e Lorena, que foram devolvidas para a França, além de serem perdas que feriam o orgulho, prejudicavam a economia e a indústria alemã: as partes da Silésia incorporadas ao novo Estado polonês possuía grande recursos de linhito. A Alsácia tinha indústrias têxteis e de metalurgia com um grande desenvolvimento, e a Lorena que possuía ricos depósitos de minério de ferro. O Tratado de Versalhes não só tomou territórios da Alemanha, confiscou a marinha mercantil e a marinha de guerra, como limitou o exercito alemão.

Diante desses fatos seria impossível não negar que o tratado contribuiu para a queda da República de Weimar. O aspecto partidário da Alemanha trouxe grande instabilidade para a democracia, logo após a 1º Guerra Mundial. Simplesmente, muitos partidos da época nunca aceitaram o sistema democrático. Os nacionalistas olhavam nostálgicos para o Estado semi-autocrático do período imperial, o Partido Comunista Alemão (KPD) denunciava

a democracia da República Weimar como um engodo capitalista, para ser derrubado pela revolução do proletariado. De modo oposto, apenas o Partido Católico de Centro, o Partido Democrata – Alemão (DDP) e o Partido Social Democrata Alemão (SPD) estavam comprometidos com a democracia. Outro fator que dificultou a nova República foi a questão econômica e financeira que causado pelo Tratado de Versalhes, nos anos de paz de 1918 – 1919. Com o desmanche do exército, sete milhões de soldados voltaram para vida civil, gerando um desemprego grande com as diminuições industriais alemã.

Depois do desemprego, outro problema surgiria para a Alemanha: uma assombrosa hiperinflação. Nas palavras de Geary (2010, p. 29, 30):

Entre 1918 e 1922, os preços aumentaram a uma taxa que frequentemente excedia os aumentos nos salários nominais; dessa forma, o poder de compra de muitos declinava. Isso formou o pano de fundo para uma grande onda de greves entre 1919 e 1922 e para o crescimento do extremismo político.

Contudo, não podemos dizer que a hiperinflação foram as responsáveis pela queda da República de Weimar. O período de 1924 a 1928 são vistos como anos bons. A Alemanha foi admitida nas Ligas das Nações e as políticas externas de Gustav Stresemann (Chanceler da República de Weimar) obteve destaque no âmbito internacional. A inflação foi domesticada e a economia cresceu. No entanto, o crescimento dependia assustadoramente de empréstimos estrangeiros, mais especificamente do capital norte-americano. Significando assim que o país estava vulnerável aos movimentos do mercado internacional. Essa vulnerabilidade ficou mais nítida com a quebra da bolsa de outubro/29.

Os preços agrícolas que antes começavam a se estabilizar depois dos anos de 1920, já estavam em queda em 1927 e entrando em colapso com a grande depressão. Essa queda de preço criou um forte descontentamento nas áreas rurais com os governos locais, então chamando a atenção do NSDAP, de onde tirou seus primeiros ganhos eleitorais e assim mudando sua propaganda eleitoral, que era mais voltada para a classe trabalhadora urbana. Já no setor

industrial, vinham tendo problemas desde meados de 1920; por exemplo, as usinas siderúrgicas mais que setenta por cento de sua capacidade total.

Até agora, vimos que a República de Weimar estava na sombra da derrota, do Tratado de Versalhes, de problemas constitucionais, de partidos políticos, de falta de um consenso democrático e diversos problemas financeiros e econômicos. A respeito do eleitorado alemão, antes de Hitler ser nomeado Chanceler, no final de Janeiro de 1933, o percentual de votos popular alcançados pelo NSDAP foi de trinta e sete por cento, em Julho de 1932. O apoio eleitoral nazista era forte na Alemanha protestante, sendo duas vezes maior nas áreas católicas. É fato que Hitler e os seus seguidores recebiam o seu apoio de áreas sem lealdade política, social, ideológicas ou culturais fortes. Na Alemanha católica, e assim como na social – democrata, a lealdade de seus eleitores com seus representantes tradicionais era reforçada por organizações sócias e culturais (sindicatos, clubes de esportes, associações educacionais, etc.).

O NSDAP possuía grande percentagem do eleitorado nos distritos rurais, não apenas de pequenos fazendeiros camponeses, mas também, de grandes proprietários e trabalhadores rurais; no geral os votos nazistas eram muito maiores nos distritos rurais do que os distritos urbanos; mesmo ainda gozando de certa força nas pequenas e médias cidades. Os nazistas ainda tinham o apoio dos funcionários de colarinho branco do setor público.

Outro ponto importante para ser discutido, é a propaganda eleitoral nazista. Muito diferente de hoje, os encontros políticos não tinham cobertura nacional, pois o rádio até então era controlado pelo governo da época e limitado para poucos lares. Os jornais eram pequenos e locais, vinculados com alguma organização política. Assim o NSDAP, traça o plano de espalhar seus ideais nos locais do país aonde os outros partidos não chegavam, e a sua determinada mensagem para grupos específicos. O partido fazia isso mandando seus principais representantes para as cidades pequenas e rurais, que são ignoradas e negligenciadas pelos partidos mais tradicionais; e ainda seção de propaganda do NSDAP treinava seus oradores para abordarem assuntos locais e concretos, como Dick Geary cita, por exemplo, os problemas agrícolas em Schleswing – Holstein ou a ameaça aos pequenos lojistas em

Hanover. Sendo assim, seu sucesso veio de preocupações específicas e imediatas do povo alemão.

Uma grande verdade disso tudo é que os nazistas investiam muito mais de seu tempo e esforço em manobras eleitorais do que qualquer outro partido. Durante as corridas eleitorais de 1930, só na região da Baviera, o partido organizou dez mil encontros; e em 1932, o NSDAP distribuiu cinquenta mil cópias de um dos discursos de Hitler.

No final de Janeiro de 1933, baseando em que políticos conservadores e nazistas partilhavam muitos ideais – dentre os quais, nacionalismo, o anticomunismo e, um certo ódio pela República de Weimar – nomearam Hitler para se tornar Chanceler, com a crença, que esses mesmos conservadores poderiam domar Hitler, também pensando que esse período dele no poder seria curto e que as próximas eleições o removeriam do cargo. Em ambos os casos, estariam muitos enganados.

1.3 O NAZISMO NO PODER

Nos meses subseqüentes de sua nomeação, com o apoio do presidente Hindenburg, Hitler podia governar por meio de decretos emergenciais. Hermann Goring como então ministro de interior da Prússia foi fundamental para o aumento do poder nazista. Goring usou o seu poder sobre o maior e mais importante Estado alemão para controlar indicações para a polícia e por fim a qualquer ação policial contra as organizações paramilitares nazistas (SS e a SA). Usando esses decretos, reduziram encontros políticos e jornais hostis ao partido; ainda tirando vantagem do incêndio do Reichstag em Fevereiro de 1933, suspenderam a liberdade de imprensa, de expressão e de associação.

Outro meio de aumentar o poder era a perseguição de inimigos políticos e ideológicos, como ocorreu nas denominadas Noite dos Cristais e a Noite das Facas Longas, onde inimigos políticos foram assassinados e estabelecimentos judeus, como lojas e sinagogas foram depredados. Partidos políticos e sindicatos foram dissolvidos e declarados ilegais, e seus bens desapropriados. Assim, seis meses após a nomeação de Hitler, a Alemanha tinha se tornado

um país de um único partido. O nazismo só se consolidaria no poder, depois da morte de Hindenburg, no dia 2 de Agosto de 1934 e com o juramento de lealdade do exercito e do funcionalismo público para Hitler.

Com o poder em suas mãos, Hitler começara sua fase de expansão territorial e unificação do povo alemão; primeiramente pela Áustria. Grande parte dos alemães e austríacos considerava a própria Áustria como, parte de um grande império de língua germânica. Em seguida partiriam para os Sudetos, região noroeste da então Tchecoslováquia, onde, viviam uma grande de parte pessoas de etnia alemã, sendo conquistado sem muitos problemas por conta do Acordo de Munique.

1.4 A SEGUNDA GUERRA E A SOLUÇÃO FINAL

O então Terceiro Reich, ainda com a amargura do Tratado de Versalhes, reivindicava o território dado para a Polônia. Hitler deixa claro sua opinião sobre os poloneses em um de seus discursos proferidos em 1940:

Os poloneses [acentuou Hitler] nasceram especialmente para o trabalho pesado (...). Não é preciso pensar em melhorias para eles. Cumpre manter, na Polônia, um padrão de vida baixo, não se permitindo que suba (...). Os poloneses são preguiçosos e é necessário usar a força para obrigá-los a trabalhar (...).

Devemos utilizar-nos do governo geral (da Polônia) simplesmente como fonte de mão de obra não especializada (...). Poder-se-ia conseguir ali, todos os anos, os trabalhadores de que o Reich possa necessitar.

Com esse pensamento, Alemanha invade o território polonês no dia 1º de Setembro de 1939 (uma semana depois da assinatura do Pacto Molotov – Ribbentrop), sendo declarada guerra, pela França e Inglaterra três dias depois.

Desta vez a guerra se estenderia de 1939 1945, entre as forças do Eixo (Alemanha – Itália – Japão) contra os Aliados (EUA – Grã Bretanha – URSS –

França) e é marcada pela ferocidade. Este foi o conflito armado que deixou o maior saldo de mortes, sendo aproximadamente 40 milhões de vidas perdidas. A guerra na Europa terminaria com Hitler se suicidando com o cerco soviético em Berlim. . O jornalista William L. Shirer (1964); recompôs os últimos momentos do líder nazista, a partir de relatos de testemunhas:

[...] Passados alguns minutos, ouviu – se um tiro de revólver. Esperam pelo segundo, mas nada ouviram. Após regular intervalo, entraram silenciosamente nos aposentos do Fuher. Encontram o corpo de Adolf Hitler estirado num sofá esvaindo – se em sangue [...] (W.L. Shirer, v.4, p. 282 – 92)

Mas a presente pesquisa não irá abordar a guerra em si, mas sim os crimes que foram cometidos com as vítimas inocentes do conflito. A tragédia para essas pessoas que não participam diretamente do conflito, é uma só. Mas outro fato que marcaria para sempre a história dessa guerra, foram as perseguições em massa de judeus e outros grupos étnicos, pelo nazismo. Mas quais os motivos levariam uma nação, guiada por uma ideologia, praticarem tais atos?

Os nazistas alegavam serem membros de uma raça superior a todas as outras; a raça ariana. Com isso, usavam de justificativa para subjugar outros povos, que diziam – se ser seres inferiores. O racismo era algo fundamental no pensamento nazista; o próprio Hitler deixava isso claro na sua obra *Mein Kampf*:

Já a observação mais superficial nos mostra, como lei mais ou menos implacável e fundamental [...]. Cada animal só se associa a um companheiro da mesma espécie. O abelheiro cai com o abelheiro, a cegonha com a cegonha, o rato campestre com o rato campestre, o rato caseiro com o rato caseiro, o lobo com a loba etc.

Isso é um fenômeno perfeitamente natural; todo cruzamento entre dois seres de situação um pouco desigual na escala biológica dá, como produto, um intermediário entre os dois pontos ocupados pelos pais. Significa isto que o filho chegará provavelmente a uma situação mais alta do que a um de seus pais – o inferior, mas não atingirá entretanto à altura do superior em raça. [...] O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria.

(*Mein Kumpf*, Hilter. p.185, 1983)

Com base nesses ideais, eles centralizaram seu ódio e desprezo contra os judeus, que foram vítimas de um anti – semitismo. Para os nazistas, os judeus carregavam a culpa pela Alemanha ter perdido a 1ª Guerra. As perseguições começaram já em 1933, quando os nazistas alcançaram o poder, mas só com o eclodir da 2ª Guerra, que esses povos iriam conhecer o inferno na terra.

Em 1941, que a solução final seria posta em prática por Heinrich Himmler, chefe da SS. Judeus, ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, qualquer um que fossem considerados indignos de viver, eram levados aos montes para campos de extermínio e trabalho forçado, onde foram sistematicamente mortos. Os campos mais conhecidos foram os de Dachau (na Alemanha), os de Auschwitz e Treblinka (na Polônia).

Com o depoimento de Rudolf Hess, o vice-líder do partido, deixa claro como se funcionavam os campos:

A “solução final” da questão judaica significava o extermínio por completo de todos os judeus da Europa. Ordenaram-se em Julho de 1941 que se criasse em Auschwitz, facilidade para o extermínio. Já havia no Governo Geral da Polônia, nesse tempo, três outros campos de extermínio: Belzec, Treblinka, e Wolsek [...],

Visitei Treblinka para ver como executavam o extermínio. O comandante do campo contou-me que havia liquidado 80.000 pessoas no decurso de meio ano. Estava muito interessado em liquidar todos os judeus do Gueto de Varsóvia.

Usava “gás de monóxido”. Eu não achava que seu método fosse muito eficiente. Assim quando instalei o edifício destinado ao extermínio, Auschwitz, empreguei o Zyklon B, ácido prússico, que lançávamos na câmara de morte por uma pequena abertura. Matava as pessoas, na câmara de gás, entre 3 e 15 minutos, dependendo das condições climáticas.

Sabíamos que as pessoas estavam mortas, quando seus gritos cessavam. Esperávamos, geralmente, cerca de meia hora para abrir as portas e remover os corpos. Removidos estes, nossos comandos especiais tiravam-lhes os anéis e extraíam o ouro dos dentes.

Outra vantagem que tivemos sobre Treblinka foi construirmos nossa câmara de gás para acomodar 2.000 pessoas de uma só vez, ao passo que lá dez câmaras de gás só acomodavam 200 pessoas cada uma [...]

(Ascensão e Queda do 3º Reich, W.L. Shirer, v.4 p. 54 – 5, 1964)

Tais horrores seriam cometidos até a derrota alemã, e só seriam expostas para o mundo com a descoberta dos campos por tropas aliadas.

Tudo isso foi resultado da perda de uma guerra, da humilhação sofrida de uma população, causada por um tratado que falhou em seu objetivo de alcançar uma paz.

Aqueles considerados responsáveis pela guerra e também pelas atrocidades, seriam julgados no Julgamento de Nuremberg.

2. CONCEITO DE RAÇA PURA

2.1 A PERSEGUIÇÃO NAZISTA

Para entendermos melhor os crimes cometidos contra a humanidade pelos nazistas, que aqui serão estudados, temos que entender a ideologia nazi. Por isso temos que voltarmos para o final do sec. XIX e início do XX. No final dos anos 1800 crescia cada vez mais na Europa e América do Norte o interesse das pessoas pelo o ocultismo, assim surgindo sociedades secretas. Porém aquilo que era visto como inofensivo nos Estados Unidos e Reino Unido, na Alemanha era levado a sério.

Dessas sociedades ocultas surgiram as idéias de que o povo alemão eram descendentes diretos de uma antiga raça denominados arianos. Naquela época as pessoas, especialmente os nazistas adotaram o conceito de *volk* alemão; eles acreditavam que eram originados de um povo de criadores de cultura com características fortes, de cabelos loiros e de olhos azuis, que se originaram do norte da Europa de onde migraram para o Tibet, ou até que são seres da mitológica cidade de Atlântida.

Esse pensamento nos dias de hoje, soa como algo bizarro e surreal, mas a sociedade alemã da época acreditava cegamente. Hitler na sua obra *Mein Kampf*, alega que a humanidade se dividia em três categorias: fundadores, depositários e destruidores de Cultura, e apenas o ariano deveria ser visto como representante da primeira classe. Com base nisso, eles pensavam que estavam no topo de uma hierarquia de raça, do qual tinham a missão de dominar o mundo e espalhar a cultura ariana, que tinham caído em desgraça por cometerem o pecado de se misturarem com outras raças inferiores, sendo uma delas os judeus.

“Inúmeras prova disso nos fornece a experiência histórica. Com a sombria clareza ela demonstra que, em toda mistura de sangue entre o Ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador. A América do Norte, cujo a população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a America Central e do Sul, onde os imigrantes quase todos latinos, se fundiram , em grande número, com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente, o efeito da fusão das raças. O germano do continente americano elevou – se até a dominação deste, por se ter conservado mais pura e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto, não se deixar vitimar pelo pecado da mistura de sangue.

(*Mein Kampf*, Hitler, p.186, 1983)

Muitos desses seguidores dessa crença, nos anos 20 vieram a criar o NSDAP. Enquanto Hitler era e o idealizador político do partido, o responsável pela ideologia estava nas mãos de Heinrich Himmler. A verdade é que nas primeiras décadas do século XX, questões raciais eram fortemente mais discutidas. Dentro das questões raciais, podemos incluir a eugenia. Apesar ter sido abordado nas décadas iniciais do século passado, o termo foi criado em 1883 por Francis Galton (1822 – 1911), significando “bem nascido”. Eugenia nada mais é que o aprimoramento das características genéticas, para resultar, melhores indivíduos, com melhores características sendo elas físicas e mentais.

Galton se baseou na obra de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, onde debatia sobre a seleção natural das espécies; baseando nisso Galton, propôs seleção artificial de uma população, com base nos melhores critérios considerados na época. Foram os nazistas, responsáveis por demonizar o

termo eugenia. Mas antes dos nazistas, outros já faziam prática disso. O grupo racista americano de extrema – direita Klu Klux Klan (ou KKK), diferente do nazismo que pregava a supremacia ariana alemã, a KKK pregava a supremacia branca americana, visando exaltar a superioridade dos americanos brancos em relação com os negros. Ainda ambos defendiam seus conceitos próprios de eugenia. Enquanto a KKK pregava que a mistura de genes poderiam resultar algo negativo, os nazistas defendiam o extermínio de raças, para assim prevalecer à raça ariana no mundo. Por sua vez, até o Brasil, no século XX, adotou um movimento eugênico, seguindo o interesse de países como Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e França. Para as elites de nosso país, a eugenia significava um passo em direção da modernização. Aqui, eles tratavam da educação sanitária e higiênica; a seleção de imigrantes; educação sexual; do controle matrimonial e reprodução humana. Embora, menos radicais que Estados Unidos e Alemanha, alguns setores do movimento brasileiro inspirados nesses países, pregavam a esterilização (assim como fez os alemães com os judeus na década de 30); a preocupação deles era a forte mestiçagem que inviabilizava o Brasil como nação, defendendo uma raça branca / ariana pura de forte predominância no país. É sabido que Monteiro Lobato, era um entusiasta da eugenia e mantinha uma relação estreita com Renato Ferraz Kehl, pai da eugenia no Brasil.

É comum pensar que quando os nazistas alcançaram o poder em 33, eles já tinham em mente tudo planejado sobre o que fazer com seus inimigos ideológicos e políticos, porém é correto afirmar o contrário. Eles traçaram várias etapas até chegarem no, que se diz a respeito do Holocausto.

É sabido que os judeus eram vistos como hostis na Alemanha desde a perda da Primeira Guerra Mundial, mas eles eram protegidos pela polícia e defendidos pelos tribunais durante a República de Weimar. O que o Terceiro Reich fez foi justo ao contrário, permitia e encorajava a violência contra judeus. Quando Hermann Goring foi nomeado Ministro do Interior no governo de Hitler, ele usou sua influência para alistar na polícia 50 mil homens da SA como força auxiliar. Antes a força policial que protegia o povo judeu, usava sua autoridade para levar a cabo sua brutalidade.

O povo alemão da época de fato era ressentido com a comunidade judaica, por estarem mais bem representados do que o resto do povo em geral, nas áreas da vida pública e profissional, bem como nas universidades, na medicina e no direito. Ou outros, simplesmente viam os judeus como participantes de um complô internacional para dominar o mundo. Segundo Alon Confino, o próprio Hitler, no seu antissemitismo, tinha elementos cristãos, metafísicos, econômicos e políticos. Ele acusava os judeus de serem os responsáveis pela igualdade de direitos, pelo comunismo e pelo capitalismo. Para Hitler, o judeu era uma raça, um fator biológico que não podia ser alterado por nome, crença e nem religião. Resumindo: todo homem ou mulher tinha sua idéia “do judeu”.

Em 1933, os nazistas não tinham em mente o extermínio e o genocídio – isso só surgiria mais tarde. De primeira eles imaginaram uma Alemanha renovada, pura, sem judeus ou vícios modernos trazidos por eles. Muito antes de dos guetos e campos de extermínios, os nazistas deram início a uma perseguição cultural e social, como Alon Confino (2016, p.52) salienta e sua obra:

A vida social foi nazificada até as mais comuns associações locais. Assim, por exemplo, associações locais esportivas, de preservação da natureza ou filatélicas sem nenhuma filiação política tinha de se reorganizar, expulsar os membros judeus e declarar lealdade ao regime se quisessem continuar suas atividades. A divergência e a resistência aberta eram perigosas e a vida social pública, fora das organizações nazistas, tornou – se muito difícil.

Tudo era feito em nome do Nazismo e da Alemanha. No que se diz a respeito das artes, grande partes dos estilos musicais do início do século XX era atacado pelo regime nazista, fosse música moderna, jaz, clássica, foram proibidas. Músicos, cantores, diretores de ópera e orquestra e até professores de música perderam seus cargos. Não apenas os judeus eram caçados, mas toda musica modernista e outros tipos de musica cultural e politicamente ofensivos na visão do regime. Basicamente eles faziam uma revolução artística e cultural no país.

Dispostos a criar uma nova identidade puramente alemã, o governo voltou - se duramente para o domínio cultural e combater o “espírito não – alemão”. Um acontecimento que exemplifica bem essa nova identidade foi a queima de livros ocorrido em todo território do Terceiro Reich no dia 10 de Maio de 1933.

Tendo início na faculdade de Heidelberg, fundada em 1386 e a mais antiga da Alemanha, onde já tinha sido uma instituição cosmopolita e liberal lar de vários estudantes estrangeiros, incluindo judeus. Porém nos últimos anos da República de Weimar, uma onde antidemocrática tomou conta do campus. Estudantes e faculdades se radicalizam e muitos apoiavam o Partido Nazista. No mês de Janeiro de 1933 não foi diferente em Heidelberg, do qual abraçou com animo a revolução nazista. As festividades começaram logo após uma palestra com a presença de membros da Associação Nacional – Socialista de Estudantes Alemães e a Liga de Estudantes Alemães do Partido Nazista, do qual argumentaram que a arte da Alemanha tinha sido penetrada por elementos estrangeiros. Foi se montando uma pira, que queimava jornais e revistas de esquerda; os livros que não tinham sido poupados foram todos confiscados nas semanas anteriores. Já em 12 de Março, tropas de choque havia, saqueados bibliotecas e um mês depois foi se anunciado que todos livros e jornais bolcheviques - pacifistas, ateus e marxistas deveriam ser retirados das bibliotecas, ainda no mês de Abril. A Liga de Estudantes de Heidelberg convocou todos os estudantes a fazerem uma “limpeza” em suas bibliotecas pessoais.

Eventos iguais aconteceram em cidades universitárias por toda Alemanha. Autores alemães, judeus e não judeus que tiveram suas obras queimadas, incluem Franz Boas, Ernest Hemingway, Albert Einstein, Sigmund Freud, André Gide, Karl Marx, dentre muitos outros. O mais espantoso é que esse evento teve uma iniciativa popular, vinda de baixo. As autoridades do Estado só aderiram ao movimento depois. Isso é o resultado de como a sociedade alemã estava envolvida com a ideologia nazista.

Além do meio cultural, os nazistas também pretendiam expurgar os judeus da vida social e civil da Alemanha. O regime nazista pregava entre a população uma reorganização da vida social com base na adequação racial e no desempenho social e econômico; nisso a sociedade deveria ser dividida em grupos que iam do saudável ao doente. Por assim, o grupo mais baixo de elementos “anti - sociais” dos quais deveriam ser negado qualquer assistência social, sendo tratados sobre uma “medida de política para a população negativa”, ou seja, fome, deportação, trabalho forçado e por fim o extermínio. A

segunda categoria mais baixa era aqueles considerados os “toleráveis”, que consistia portadores de deficiência física e mental, e para eles estavam reservado à possibilidade de esterilização: 70.273 alemães incapacitados fisicamente ou mentalmente foram mortos em câmaras de gás entre Janeiro de 1940 e Agosto de 1941.

Toda população do Terceiro Reich tinha na sua mente uma noção de raça e para os nazistas os judeus eram um grupo que não causavam incertezas, nem duvidas, nem definições parciais, independente das definições de raça. Em 1934 e 1935, foram impostas medidas de isolamento e segregação social por toda Alemanha: mas o que mais proporcionava um sentimento de injúria para os judeus, não era leis imposta pelo Reich, mas sim as leis feitas por comunidades pequenas e locais, onde isolavam os judeus de seus hábitos e segurança do dia a dia.

Essas ordens não viam da chancelaria do Reich e nem do líder regional do Partido Nazista, viam direto da prefeitura e da população de pequenas cidades e comunidades, que com isso tinha a bênção do Partido. Não existia um lugar da Alemanha sem alguma placa ou tabuleta com o seguinte aviso: “Judeus não são bem - vindos aqui”. Avisos como esses, refletiam o sentimento popular da população com a comunidade judaica.

O período que seguiu as Leis Raciais de Nuremberg, de Setembro de 1935, aumentou mais ainda a discriminação da época. Oficiais judeus do exercito alemão eram expulsos, judeus proprietários de negócios eram obrigados em até dois meses vender os mesmos para arianos, ainda sendo expulsos de hotéis e áreas de lazer por todo país.

O jornalista e socialista, registrou o terror anti – judaico que se pregava na sociedade:

“A violência pública, desenfreada, visceral contra os judeus se tornou um componente básico nos anos que se seguiram à tomada do poder. Violência de vizinhos, onde os perpetradores conheciam as vítimas, era comum. A presença de judeus provocava espancamentos e cusparadas. Os nazistas cortavam barbas e raspavam a cabeça dos judeus ortodoxos: faziam tumulto diante de negócios judaicos. Em Harpstedt, perto de Bremen, as mercearias locais se recusavam a vender alimentos para as três famílias judaicas locais, que eram forçadas a viajar até Bremen para conseguir provisões”

(Um Mundo Sem Judeus, Confinio, p.95, 2016)

A exclusão judaica desde 1933, de todas as áreas da sociedade foi tão rápida e bem sucedida, que o número de judeus que haviam deixado a Alemanha era alta. Na época da subida dos nazistas ao poder, existiam, 437 mil judeus na Alemanha. Sessenta mil partiram entre 1933 e 1934, e quase 70 mil juntaram – se a esse grupo em 1935 – 1937.

2.2 KRISTALLNACHT

Na noite de 9 de Novembro de 1938, os nazistas queimaram a Bíblia Hebraica, mas não só um exemplar, mas milhares. Não só nas grandes cidades, mas em todas pequenas cidades e vilas. Essa noite é lembrada como a Noite dos Cristais (Kristallnacht, em alemão), sendo um nome alusivo aos cristais quebrados de sinagogas da Alemanha que foram depredadas e incendiadas naquela a noite. Até aqui, as agressões nazistas desde que os mesmos alçaram o poder, foram aos direitos sociais dos judeus, porém isso mudaria. Esse evento foi um *pogrom* realizado por civis em conjunto com SA, que resultou em mais de mil sinagogas incendiadas, e mais de sete mil negócios pertencentes a judeus foram depredados: tal violência estava tão disseminada, que até era comum crianças participarem. No povoado de Kippenheim, em Baden crianças arremessavam rolos da Torá no riacho, e em Aachen, nazistas despedaçavam a Torá em frente da sinagoga e guardavam no bolso, dizendo que traria sorte. Agora, porque os nazistas, no desejo de construir uma nova nação com base na teoria racial, estavam dispostos a destruir símbolos sagrados e religiosos?

A queima de bíblia e sinagogas da noite da Kistallnacht,era parte da idéia nazista que os judeus eram herdeiros de uma tradição e narrativas históricas que faziam parte da ameaça ao Terceiro Reich. Eles não visavam os judeus como inimigos individuais, liberais ou bolcheviques, mas o judaísmo como um todo. Quando queimavam a Bíblia, os nazistas expandiam a idéia de origens raciais, para o desejo de uma matriz religiosa pura. Embora na ideologia nazi, com base que o judeu era o ocupado por qualquer desgraça relacionando com a Alemanha e Europa ao longo da história, na Kristallnacht

os nazistas criavam uma comunidade nacional alemã e cristã totalmente livre e independente de raízes judaicas. Nessas ações os nazistas passavam a mensagem do povo superior que estava substituindo o povo antigo escolhido.

Como consta, Confino em sua obra, os rolos de Torá foram tocados, carregados, desenrolados, pisoteados, levados de bicicleta e a pé, amarrados nas costas de judeus, atirados em rios, despedaçados e incendiados.

Ao mesmo tempo a violência era chocante e familiar para os alemães. A Kristallnacht era apenas uma ampliação daquilo que ocorria na Alemanha desde 1933. A verdade é que os alemães deram sentindo a Kristallnacht, participando, aprovando suas ações ou opondo – se a sua violência gerada.

Para todo fins e propósito a Alemanha se tornou depois de Novembro 1938, uma terra sem judeus e judaísmo. Em Maio de 1939, seis meses depois da Kristallnacht, só 188 mil pessoas da fé judaica na Alemanha; desses, mais de 1/3 viviam em Berlin, resultado de mudanças afim de garantirem um emprego e segurança, através do anonimato da metrópole. Aqueles que não abandonaram o país no meio da onda de violência eram idosos de mais para isso (21,3% tinham mais de 65 anos).

Algo que era visto normalmente em qualquer estabelecimento com placas penduradas com as palavras de “Proibidos Judeus”, já não era mais vistas penduradas, porque não havia mais muitos judeus para ser expulsos.

2.3 A GUERRA TOTAL

Do ponto de vista nazista, as medidas tomadas contra os judeus não foi algo previamente planejado, mas sim algo que ocorreu esporadicamente. Porém agora iremos aprofundar em um evento que contribuiu com Solução Final Judaica, que foi a guerra.

Nos meses seguintes a Kristallnacht, na Europa já era esperada que uma eminente guerra se aproximando. As agressões nazistas se alavancavam. Em Março de 1939, Hitler descumpriria o Pacto de Munique, assinado apenas seis meses antes, que garantia a soberania da Tchecoslováquia, do qual foi invadida pela Wehrmacht na noite de 14 e 15 de Março. Ainda no dia 16 de Março, Hitler vitorioso entrava em Praga e anunciava que Boêmia e Morávia (duas regiões da República Tcheca) seriam incorporadas ao Reich, assim tomando a indústria bélica tcheca para a máquina de guerra alemã. Em Maio, Hitler assinaria o Pacto de Aço, formando uma aliança com a Itália fascista de Mussolini. Em Agosto veio à grande preparação diplomática para a guerra com o Pacto Germano – Soviético de Não Agressão, ou Pacto Ribbentrop – Molotov (Joachim Von Ribbentrop seria julgado como explicaremos mais adiante). O pacto consistia em um laço de amizade com a rival comunista e os poderes nazistas, ainda dividia a Europa Oriental em secções de interesse alemães e soviéticas estabelecida em uma linha da Polônia como fronteira. O tratado asseguraria um combate de não duas frentes caso a França e Grã – Bretanha, declarassem guerra a Alemanha.

Voltando em relação com os judeus, em 1939, restavam segundo estimativa, 185 mil judeus na Alemanha, em um total de 400 mil que haviam deixado o país em 1933, indo para qualquer lugar desde que os aceitavam, Brasil, Argentina, Austrália, África do Sul e até Xangai; aqueles que não puderam fugir já eram velhos e empobrecidos demais para isso. Para aqueles que ficaram ainda sofriam com ritmo da legislação antijudaica, mesmo em menor número, os judeus ainda eram um inimigo formidável: todos os desempregados judeus deveriam se alistar no Seguro de Trocas e Desemprego do Reich para o trabalho compulsório; o custo de remoção dos destroços das sinagogas destruídas na Kristallnacht seria lançado sobre a comunidade judaica; judeus devem entregar suas jóias e metais preciosos para as autoridades do Reich; os cartões de racionamento para judeus fora reduzido, etc.

Durante as primeiras horas da manhã de 1º de Setembro de 1939, se iniciava guerra entre a Alemanha e a Polônia.

Diante dessa invasão a Grã – Bretanha e França declararam guerra, dois dias depois, em 3 de Setembro. Algumas semana depois da ofensiva alemã, os soviéticos atacaram o território polonês a partir do leste, parando na linha estabelecida pelo Pacto Ribbentrop – Molotov. Os Alemães por sua vez dividiram o território polonês em dois. A parte ocidental, incluindo Dantzig e Lodz, fora anexadas ao Reich. A outra parte restante que incluía Varsóvia, Cracóvia, e Lublin, foi chamada de Governo Geral e administrada como colônia. O seu governador geral era o jurista Hans Frank (antissemita fanático), que foi julgado em Nuremberg depois da guerra.

Seja por conta da aparência ou por conta da língua falada, os oficiais e soldados alemães tratavam de forma bruta os judeus poloneses, em comparação do tratamento recebido por judeus alemães, todas as restrições morais agora estavam removidas com os judeus poloneses. A aparência dos judeus poloneses era aquela que se caracterizavam com as caricaturas antissemitas do jornal “Der Sturmer” de Julius Streicher, sendo aquele judeu vestindo roupas diferentes com barbas e tranças; oitenta e cinco por cento falavam hebraico ou iídiche como língua materna, não polonês e muito menos alemão. Os alemães ainda proibiram as atividades que criavam a educação, a arte e a cultura polonesas, se apoderaram de negócios e aterrorizaram a população para evitar a oposição, uma rede de campos de concentração e trabalho forçado já fora criado, usando tanto judeus e poloneses como mão de obra escrava para construir estradas, represas e outros projetos. Acompanhando a Wehrmacht durante invasão, por ordens de Reinhard Heydrich ordenou que a SS eliminasse a elite que exercia a liderança na Polônia: “Nobreza, clero e claro os judeus deveriam ser mortos.”

Foi Himmler o cérebro por trás da idéia de reorganização racial da Polônia e da Europa Oriental como um todo durante a guerra. Seu Plano Geral para Europa Oriental via trinta anos depois da guerra vencida, uma área vasta ocupada de população alemã. O plano original visava um decréscimo de uma população local com base nos seguintes números: 85% de bielorrussos, 75% de ucranianos, 65% de tchecos. Essa diminuição seria alcançada através do trabalho forçado, enfermidades, fome e controle de natalidade. Em quanto isso, a Alemanha vencia em todas as frentes. Direto de Berlim, o Reich controlava

nesse período Viena, Praga, Varsóvia, Copenhague, Oslo, Amsterdã, Bruxelas e Paris.

Em 21 de Setembro, Heydrich agora chefe do Escritório Central de Segurança do Reich (*Reichssicherheitshauptamt* ou RSHA), ordenou que os comandantes dos *EINSTZGRUPPEN* ou Forças – Tarefa, concentrassem, todos os judeus da Polônia em cidades maiores, podendo ser essa a primeira fase da Solução Final. Alon Confino ainda em sua obra relata que Theodor Schieder, um historiador da cidade Königsberg, da Prússia Oriental propôs um plano do que fazer com todos judeus concentrados a pedido de Heydrich. Em um memorando destinado a Himmler, sugeriu um grande povoamento alemão nas áreas polonesas ocupadas, a expulsão dos judeus das cidades alemãs e, ainda a “desjudaização” do restante da Polônia, por fim enviando toda a população judaica para o exterior. Com a queda da França, em Maio de 1940, foi proposto que todos os judeus fossem mandados para Madagascar uma vez que era parte do império francês e agora estava nas mãos do Reich. Por fim nada disso foi levado a sério, pois nenhum nazista pensava na prosperidade da comunidade judaica seja na Europa ou em Madagascar.

Eles desejavam manter a sensibilidade moral alemã, longe da ameaça do judaísmo. Com isso em Outubro de 1939 se teve início ao longo procedimento de guetização. Judeus eram forçados a ir para grandes guetos urbanos assim perdendo todos os seus bens do qual, caíam em mãos nazistas. O gueto de Lodz foi instituído em Abril de 1940, separando os seus 163 mil habitantes do resto do mundo. Em Varsóvia, os judeus receberam ordens para se deslocarem e viver em uma parte determinada da cidade; 1/3 dos habitantes da cidade viviam em 2,4% de seu território. Já em 1941 a população do Gueto subiu 445 mil pessoas vindas das áreas vizinhas. Em Varsóvia a taxa de mortalidade subiu de 1 por 1000 em 1939 para 10,7 em 1941. Em Lodz, a taxa subiu 43,3 1940 para 75,9 em 1941; em menos de um ano, mas de 500 mil judeus poloneses perderam a vida em guetos e por conta de trabalho forçado. No imaginário nazista os guetos eram algo temporário até a remoção final dos judeus depois da guerra. Alguns sugeriam manter essas pessoas para mão de obra para a guerra, porém uma coisa era certa, o destino seria outro.

2.4 A OPERAÇÃO BARBAROSSA

Vendo que a Grã – Bretanha, não cederia facilmente, Hitler muda sua atenção para o Leste, que com suas vastas terras e recursos como grão e petróleo, invade a União Soviética no dia 22 de Junho de 1941, assim quebrando o pacto de não agressão. Denominada de Operação Barbarossa teve uma grande escala: os alemães atacaram uma frente de 2.130 quilômetros contando 3.050.000 homens e 3.350 veículos blindados. Hitler acreditava seria uma vitória rápida contra o Exército Vermelho e sua “estupidez russa” contra a elevada superioridade da Wehrmacht, tratando – se de uma guerra ideológica contra o comunismo, bolchevismo e judaísmo. Conforme o exército alemão seguia adentro do território soviético, os assassinatos também acompanhavam junto. No documentário *The Soviet Story*, o diretor e roteirista, Edvins Snore, alega que os nazistas aprenderam métodos de execução de prisioneiros, com os soviéticos, quando o pacto de não agressão ainda respeitado pelos alemães. A partir de uma diretiva de Hitler, de Março de 1941, sobre as políticas de tratamentos em relação aos judeus, comunistas e outros, junto de várias ordens de Heydrich em junho e julho daquele mesmo ano, deram aos alemães a carta branca para executar a população civil judaica.

Homens da Wehrmacht, da SS e da Einsatzgruppen (Forças – Tarefa), provocavam chacinas por onde passavam, sendo em vilas, aldeias e cidades. Talvez um dos mais conhecidos massacres feito pelos alemães no leste europeu seja o de Lídice. Hitler enraivecido pela morte de Heydrich, depois de um atentado ao seu carro enquanto se dirigia para Praga em seu escritório, executado por dois membros da resistência tcheca, ordena como punição uma retaliação contra a população civil tcheca. A pequena vila de Lídice, que era dedicada no ramo de mineração, foi cercada e sua população dividida. Homens com mais de 15 anos foram fuzilados e mulheres e crianças enviadas para o campo feminino de Ravensbruck. Nos primeiros cinco meses da campanha do leste, os nazistas mataram meio milhão de pessoas; De Setembro de 1939 a Dezembro de 1941, já se somavam 1,1 e 1,3 milhões de vítimas. Os nazistas procuravam criar o novo mundo sem judeus adotando medidas mais decisivas, aniquilando sistematicamente civis judeus de regiões inteiras na Europa.

Essa política de tratamento mudaria, com a Conferência de Wannsee, nela foi debatida “todos os preparativos organizacionais e técnicos necessários para uma solução abrangente da Questão Judaica”, organizada por Heydrich com a participação de Adolf Eichmann dentre outras figuras do Partido Nazista e a SS.

Mas qual a idéia que dá respaldo e lógica para o extermínio em massa? Historiadores dão duas respostas para essa pergunta: a primeira se concentra na ideologia racial antissemítica, enquanto a segunda dá ênfase na paranóia política nazista que encarava a comunidade judaica internacional era protagonista de todo mal no mundo principalmente na Alemanha.

Com isso, o centro de extermínio de Belzec entrou em funcionamento em Março de 1942, Sobibor em Abril, Treblinka em Julho. Em Março de 1942, judeus das áreas vizinhas de Auschwitz foram mortos nas câmaras de gás. De muitos campos espalhados pela Europa, é Auschwitz que pode ter o posto de mais conhecido; criado em 1940, na região sul da Polônia, tendo recebido o seu primeiro grupo de prisioneiros, sendo eles políticos em Junho daquele mesmo ano. A partir desse momento o número de prisioneiros oscilava entre os 13 e 16 mil, chegando a atingir em 20 mil em 1942. Com esse número sempre subindo, foi necessária uma expansão no campo, logo em 1940 os alemães iniciaram a construção do campo de Birkenau, logo apelidado de Auschwitz II, porém mesmo assim não foi o bastante, e em 1942 foi concluído o campo Auschwitz III, em Monowice. Podemos dizer que foi em Auschwitz, onde foi sintetizada a imagem do Holocausto sendo um genocídio frio, de forma industrial e administrativa.

As pessoas chegavam, nos campos, em vagões de trens para transporte de gado. Muitos idosos e crianças não resistiam a viagem que podia durar até dez dias. Aqueles que resistiam à viagem, logo no início já eram separados e pré - selecionados; os que eram aptos ao trabalho forçado eram poupados momentaneamente, já os fracos, velhos e jovens demais eram mandados imediatamente para as câmaras de gás. Para cada grupo que chegava um discurso era feito pelo *Obersturmführer* Franz Hoessler:

“Em nome da administração do campo eu lhe dou as boas vindas. Isto não é uma colônia de férias, mas um campo de trabalho forçado. Assim como os nossos soldados arriscam suas vidas na frente de

combate para conquistar a vitória para o Terceiro Reich, vocês terão que trabalhar aqui para o bem – estar de uma nova Europa. Como vocês irão desempenhar essa tarefa depende apenas de vocês. A chance existe para cada um de vocês. Vamos cuidar da sua saúde e também oferecemos trabalho bem pago. Após a guerra, vamos avaliar todos de acordo com os seus méritos e trata – los adequadamente [...]"

Com a demanda de prisioneiros só aumentando, os nazistas abandonaram o fuzilamento e adotaram meios mais rápidos e eficientes para matar pessoas. Criando - se as câmaras de gás, primeiramente usavam o monóxido de carbono do escape de carros movidos a gasolina, caminhões e tanques do exército. Por vez, o monóxido de carbono seria substituído pelo Zyklon B, um forte pesticida produzidos pela IG Farben (essa empresa usava o campo Auschwitz III para o trabalho forçado).

Além do extermínio em massa os campos forneciam prisioneiros como cobaias para os mais diversos experimentos. Afim, de simular ferimentos em soldados nos campos de batalha, eram deliberadamente alvejados ou feridos, para que se estudassem os meios mais eficazes para sua recuperação, passavam até introduzir terra, madeira e vidro afim de que os ferimentos ficassem mais parecidos do que era visto em batalha. Talvez o mais conhecido médico por realizar experimentos, foi Josef Mengele, ou "Anjo da Morte". Sua grande obsessão eram as mulheres, ruivos e sobre tudo os gêmeos. Mengele chegava ao ponto de amputar desnecessariamente membros para estudo, infectava de forma intencional um gêmeo com tifo e outras doenças e assim fazer a transfusão de sangue para o outro. Mengele ainda injetava agentes químicos nos olhos das pessoas para analisar se o olho poderia mudar de cor por conta da química.

Mengele como outros nazistas, conseguiu fugir para a América do Sul, vivendo no Brasil, passando inclusive na cidade de Assis, onde morreria no litoral de Bertioga no interior de São Paulo, em 1979 sem nunca responder pelos seus crimes. Seus restos mortais se encontram na Universidade de São Paulo (USP), onde são estudados por estudantes de medicina. Aqueles outros responsáveis pelos experimentos foram capturados e julgados, como é conhecido o Julgamento dos Médicos.

2.5 DECLINEO DA ALEMANHA NA GUERRA

Após as rápidas vitórias alemãs na frente do Leste, no verão e outono de 1941, o inverno russo chegou e retardou o avanço da Wehrmacht, Em Dezembro os alemães pararam na porta de entrada de Moscou, porém o Exército Vermelho conseguiu deter o exército alemão. Antes disso, os ingleses com sua Força Aérea Real, resistiram no ar os ataques da Luftwaffe. Milhares de quilômetros, sob os céus claros do Hawaí, os japoneses faziam um ataque surpresa na base naval de Pearl Harbor, e em 7 de Dezembro de 1941, com isso, agora os Estados Unidos entravam na guerra. Estudiosos dizem que a Grã – Bretanha deu o tempo, por terem resistido aos ataques alemães; a União Soviética deu o sangue por seus números de mortos altos; e por ultimo os EUA deram o aço, por conta de sua indústria que abasteceu os aliados. Agora maré de vitórias dos alemães se invertera. Hitler agora enfrentava uma guerra prolongada, contra três grandes potências mundiais, incluindo a primeira economia do mundo. Com tudo isso, para Hitler, seu principal inimigo ainda eram os judeus, pois para ele o judaísmo ainda era uma ameaça com poderes em todo o globo.

Mesmo com a situação na guerra ficando cada vez mais complicado para a Alemanha, os nazistas continuavam firme com sua guerra contra o judaísmo. Tropas da SS continuavam, empenhados em transportar as pessoas dos guetos da Europa Oriental para os campos Auschwitz, Triblinka, Sobibor, Chelmno, Manjdanek e Belzec. Alon Confino relata:

“As deportações de vários países europeus começaram no final de 1941 e se intensificaram em meados de 1942. Os deportados vinham da Alemanha, França, Holanda, Bélgica, Eslováquia, Protetorado Tcheco (as regiões da Boêmia e Morávia) e Áustria. Os trens deixavam Paris, Amsterdã, Bruxelas, Praga, e Varsóvia, transportando judeus, em vagões, de cargas lacrados,, para campos da morte, independente do mau tempo, bombardeio aliado ou necessidades militares da Wehrmatch”.

(Um Mundo sem Judeus, Confino. p.241, 2016)

Voltando para guerra, a Alemanha perdera duas batalhas crucias. No norte da África, as forças alemãs sob o comando do marechal de campo Erwin Rommel, foram derrotados pelo exército britânico, com isso os planos de Hitler de

confiscar o Oriente Médio e seus campos de petróleo, fora encerrado. Longe dali os alemães atacavam Stalingrado, sendo marcado por ser um dos combates mais sangrentos de toda a guerra, a Alemanha teve perdas de 300 mil homens e à União Soviética totalizava 470 mil mortos (sendo que o número de americanos mortos na guerra era 418 mil).

Logo depois de Stalingrado, os soviéticos começavam a recuperar territórios do leste, que antes estava em domínios alemães, em 6 de Novembro de 1943, o Exército Vermelho recuperava Kiev. No sul do Mediterrâneo, os aliados começaram sua invasão da Europa controlada pelo Eixo. Em 6 de Junho de 1944, desembarcavam nas praias da Normandia, dando início para mais uma frente de batalha no continente Europeu. Estrategicamente a guerra para os nazistas já estava perdida.

3. O FIM DA GUERRA E A NECESSIDADE DE UM JULGAMENTO

3.1 A ESCOLHA DE NUREMBERG

A guerra estava acabada, a importância agora era organizar vidas e destinos. Os alemães agora viviam em um mundo sem nazismo e com judeus. Adolf Hitler cometeu suicídio em seu *fuherbunker* com sua esposa Eva Braun em Berlin, em 20 de Abril. No dia 1º de Maio, seu ministro de propaganda, Goebbles, e sua esposa Magda, seguiram o mesmo caminho levando juntos os seus seis filhos; com isso, para Europa, a guerra estava terminada. Agora havia aqueles responsáveis cujo se espalharão pela Europa, e aqueles que incapazes de tirar suas próprias vidas foram capturados. Himmler, comandante da SS estava sob custódia dos britânicos (cometendo suicido mais tarde); Rudolf Hess, vice – líder do partido nazista encontrava – se preso, desde 1941 quando pretendia negociar uma paz com a Grã – Bretanha; Hermann Goering, o *Reichsmarcshall*, se apresentou espontaneamente para os americanos no dia 07 de Maio de 1945 acreditando que receberia um bom tratamento diante do seu posto.

Será abordado nesse capítulo, o julgamento dos responsáveis pelo massacre de milhões, porém, qual era a necessidade de um julgamento? Com final da guerra os aliados se depararam com o certo dilema: a Alemanha deveria ser reconstruída, de forma que ela renegasse seu passado, o julgamento deveria mostrar quem eram os responsáveis pelo sofrimento da nação, de forma que não causasse a indignação da população como na Primeira Guerra Mundial e assim evitando o surgimento de novos grupos fascistas na Alemanha. A preocupação agora era reconstruir um país e sua imagem destruída.

As cidades na Alemanha haviam sido dizimadas, suas indústrias estavam destruídas. A população via com maus olhos a ocupação aliada, grande parte das pessoas, não acreditavam que Hitler e seus assessores fossem culpados, e muito menos acreditavam nos assassinatos em massa.

Outro problema era aqueles nazistas capturados, serem transformados posteriormente em mártires. Vendo esse problema os aliados perceberam que se devia tomar alguma decisão urgente com esses nazistas. O primeiro

ministro britânico Winston Churchill defendia abertamente a execução imediata e rápida dos líderes nazistas, segundo ele para evitar “complicações de um processo judicial”. A idéia ainda era bem vista por alguns membros do governo americano. Existia um medo real de que os nazistas transformassem o julgamento, em espetáculo teatral, assim como Hitler fez quando foi julgado pela sua falha tentativa de um golpe de estado, ainda na republica de Weimar. Uma possibilidade de absolvição desses homens era terrível demais para se imaginar. Essa decisão só não foi levada adiante, por conta de Henry Stimson, Secretário de Defesa, que exaltou que o mundo diria que os aliados tivessem medo de julgá – los em um tribunal, e por isso acharam mais fácil silenciar os nazistas capturados com uma condenação de morte. Com isso, teve apoio dos soviéticos e depois dos outros aliados.

A cidade de Nuremberg foi escolhida para sediar o Tribunal. Ela era sede dos pitorescos comícios anuais do partido nazista, além ser a cidade que se foram promulgadas as leis antissemitas de 1935. Os soviéticos defendiam que o tribunal deveria ocorrer em Berlim, porém a cidade estava dividida em quatro secções e isso causaria um problema enorme em relação à logística. Além do mais, a cidade possuía uma grande prisão, com celas individuais, que apesar dos bombardeios que afligiram a cidade, encontrava – se intacta.

No dia 16 de Julho de 1945, na Conferência de Postdam, o presidente Truman e novo primeiro – ministro britânico, Clement Attle, que derrotara Winston Churchill por um grande número de votos, redigiram um comunicado afirmando o seu compromisso com um tribunal internacional de crimes de guerra, organizado e promovido pelas quatro potências aliadas (EUA, Reino Unido, França e União Soviética). Já em 8 de Agosto, a Carta do Tribunal Militar Internacional, ou Carta de Londres, foi assinada pelos líderes das quatro potências: nesse documento definia as características e os procedimentos do tribunal.

Depois de se firmar o tribunal, o próximo passo era constituir uma lista com os supostos criminosos de guerra. Winston Churchill queria que a lista tivesse mais de cem nomes, incluindo os participantes japoneses e italianos, porém a lista se fechou para apenas os colaboradores da nação alemã. Como a guerra no pacífico ainda não havia terminado, foi decidido que haveria outro

juízo para os japoneses. Em relação aos italianos, com sua fidelidade ao Eixo, mudara de lado após 1943, assim não era visto como justo do ponto de vista político, julgar um aliado mesmo ele sendo recente. Os responsáveis pela lista de acusados tiveram um impasse no critério para a inclusão de nomes. Para resolver esse problema foi decidido que um representante de cada setor do regime seria julgado pela participação em uma conspiração para subjugar e escravizar a população europeia. Tais setores do regime são os seguintes: o governo do Reich; os líderes do Partido Nazista; a SS; as tropas de assalto (SA); a Gestapo; a SD; e o Estado – Maior e o Alto Comando das Forças Armadas Alemãs. Assim, seria mais fácil julgar seus aliados e subordinados em ações futuras, pois compartilhavam uma responsabilidade objetiva. Portanto as acusações seriam divididas em quatro, sendo, os crimes de guerra; conspiração; crimes contra a paz e crimes contra a humanidade.

Por conta do suicídio de Hitler, Goebbels e Himmler, a lista de acusados ficou enfraquecida, naquele “juízo do século”. Os americanos haviam capturado o Reichsmarschall Hermann Goering, sem dúvida a captura mais notória. Estavam sob custódia dos americanos, alguns outros prisioneiros, cujos nomes são menos notórios, porém foram de extrema importância para o regime. Dentre eles estavam Ernest Kaltenbrunner, o chefe do Gabinete de Segurança do Reich, que para esconder dos aliados, se escondeu nos Alpes com um nome falso, mas que foi revelada de forma involuntária pela amante que não segurou a alegria quando o reconheceu. Outros nomes famosos, incluindo Robert Ley, chefe da Frente de Trabalho alemã; Wilhelm Frick, ministro do Interior; Hans Frank, governador geral da Polônia ocupada; Julius Streicher, nazista fanático e editor de jornais e folhetins com conteúdo anti-judaico; Alfred Rosenberg, que se intitulava “filósofo do nazismo”; Franz Von Papen, vice – chanceler de Hitler, Walther Funk, Ministro da Economia e o marechal de campo Wilhelm Keitel.

Sob as mãos dos britânicos, encontrava – se Rudolf Hess, que desde sua prisão após uma “missão de paz”, apresentava uma saúde mental debilitada. Eles também prenderam Arthur Seyss – Inquart, o *reichskommissar* dos Países Baixos. Paul Roland relata a situação dos judeus nessa área:

“[...] fora acusado de enviar cerca de 120 mil judeus do total de 140 mil da Holanda para diversos campos de extermínio. Os judeus restantes nos Países Baixos esconderam – se. Quando a guerra terminou, só havia cerca de 8 mil judeus, aos quais se reuniram mais tarde aproximadamente 5 mil que sobreviveram aos horrores de Mauthausen, Auschwitz, Sobibor e Belsen.”

(Os Julgamentos de Nuremberg, Roland, p.34, 2013)

Além deles, os britânicos também se orgulhavam de ter em custódia, nomes como o general Alfred Jodl; Albert Speer, arquiteto de Hitler e ministro de Armamentos; e o almirante Karl Donitz, o sucessor nominal de Hitler. Em Junho de 1945, ainda incluía em sua lista, o ministro de Relações Exteriores, Joaquin Von Ribbentrop, encontrado escondido em um apartamento em Hamburgo. Este, quando descoberto, foi levado vestindo um pijama listrado cor – de – rosa com cem mil marcos dentro de uma maleta. Por vez, os franceses haviam capturado o barão Konstantin Von Neurath, o antigo ministro de Relações Exteriores e *reichsprotector* da Boêmia. A União Soviética acrescentou apenas dois nomes à lista de acusados, sendo eles o vice de Goebbles, Hans Fritzche, e o almirante Erich Raeder, ambos capturados pelo Exército Vermelho durante a queda de Berlim.

3.2 ENTREGANDO AS DEVIDAS ACUSAÇÕES

As entregas das acusações ficaram nas mãos do ex – oficial de artilharia Airey Neave, membro da Executiva Britânica de Crimes de Guerra. Neave que era fluente em alemão fugiu da Alemanha para a Suíça, onde foi prisioneiro do campo de prisioneiros de guerra no castelo Colditz. Na tarde de 19 de Outubro de 1945, o major Neave entrou no complexo prisional acompanhado do diretor do presídio, o coronel Burton C. Andrus. Os principais acusados foram mantidos nas celas do andar térreo, enquanto os prisioneiros com acusações menos graves, eram mantidos nas celas do segundo andar. Andrus exigia que os seus subordinados tratassem os prisioneiros como criminosos e não como prisioneiros de guerra; não deveria haver nem cumprimentos e nem confraternização. Boatos da época, dizem que Andrus exigiu que Goering entrasse em um regime, devido seu excesso de peso, para que estivesse saudável e em forma para o dia que fosse enforcado.

Hermann Goering, fora o primeiro a receber a acusação das mãos de Neave. Ao entrar em sua cela, se deparou com o homem muito menos intimidador nos tempos de ouro do nazismo. Seu uniforme que usava antes sempre com orgulho, agora já sem as medalhas, além de parecer muito grande para ele, desde que seu peso diminuiu dos 127 kg para os 95 kg em apenas seis semanas. Tanto seu corpo quanto mente, já demonstravam, sinais de desgaste pelo uso prolongado de morfina. Goering, ao pegar os documentos disse: “Bem, chegou à hora”.

O próximo era Rudolf Hess, o vice – líder do partido, que estava preso desde 1941. Diziam que por conta de sua debilidade mental e pela sua ausência, não poderia participar de um julgamento. Mas médicos ingleses deixavam claro que ele não possuía nenhuma enfermidade mental, e sua participação na criação de Leis de Nuremberg, fora importante para o genocídio de judeus.

Na cela seguinte estava Joaquin Von Ribbentrop, ministro de Relações Exteriores do Reich, e responsável pelas negociações pelo Pacto de Não Agressão Germano – Soviético, que possibilitou Hitler de uma invasão no leste sem resposta por parte da União Soviética. Outras figuras nazistas o classificavam como uma figura desprezível e sem tato. Pela sua aparência parecia ser bem mais velho, do que os seus 52 anos. Quando recebeu os documentos de acusação, perguntou; “o que eu preciso fazer?” “Como posso encontrar um advogado?”

O quarto a receber as acusações era Julius Streicher, ou a “Besta de Nuremberg”, este era diferente dos demais prisioneiros, ele além de ser um antisemita fanático por Hitler, era um depravado sexual que já fora preso em Nuremberg anteriormente. Ele tinha o hábito de perguntar para crianças se elas se masturbavam e se orgulhava ter a maior coleção de pornografia em toda Alemanha. Por anos ele envenenou a mente de alemães com suas publicações no *Der Strumer*, cujo conteúdo não passava de uma violência pornográfica que acusava os judeus das mais variáveis coisas. Os outros prisioneiros sentiam – se ofendidos de dividirem o tribunal como um sujeito como ele. Quando Neave entregou sua acusação, ele fungava igual um gorila e soltou a seguinte frase: “Um judeu não me defenderia.”

A vez, de Baldur von Schirach, ex – líder da Juventude Hitlerista e *gauleiter* de Viena, era muito diferente dos outros, vaidoso e intelectual, permaneceu calmo enquanto analisava os documentos. Já Alfred Rosenberg, aquele que se intitulava o “filósofo do nazismo”, não passava de uma figura deprimida e patética. O próprio Hitler o desprezava. Mas como ministro dos Territórios Orientais Ocupados do Reich, ele supervisionou o roubo de milhares de obras de arte da Europa. Rosenberg rejeitou sua acusação.

Quando Neave encontrou – se com Hans Frank em sua cela, deparou se com um homem arrependido, que culpava sua desgraça atual, em Hitler e os outros acusados, onde agora tinha reiterado sua fé na Igreja Católica. Porém enquanto a Europa em guerra morria de fome, ele vivia no mais alto luxo, com produtos e iguarias contrabandeadas na fronteira da Alemanha. Era um homem frio e meticuloso. Em suas anotações lia – se: “Temos de destruir os judeus em qualquer lugar onde estejam e sempre que possível”. Em outra escrita, ele anotou: “Nunca hesitei em dizer que se um alemão for morto, cem poloneses serão mortos”.

Walter Funk não escondia seu debilitado estado emocional, quando Neave esteve em sua cela para lhe entregar sua acusação, Funk se encontra sentado em sua cama chorando descontroladamente, claramente um sinal de culpa que sentia. Antes, ele confessara que tinha autorizado pessoalmente o assassinato de judeus para a remoção de seus dentes de ouro, para que assim pudessem ser levados para Alemanha, do qual iriam diretos para os cofres do *Reichsbank*. Mais, tarde em seu depoimento, durante o julgamento, ele negaria essa confissão. Em comportamento diferente, Wilhelm Frick não demonstrava um pinga de remorso, muito menos negava suas acusações. Sempre com um olhar desafiador, o Ministro do Interior do Reich mostrava indiferença quando afirmavam que ele tinha condenado a morte milhares de deficientes físicos ou mentais, dos quais eram indignos de viver para o nazismo.

Na sela do chefe do Gabinete de Segurança do Reich, se encontrava outro valentão choroso e amedrontado. Ernest Kaltenbrunner era, acusado de torturar e matar, inclusive como Paul Roland explica o próprio almirante Wilhelm Canaris, o diretor de Inteligência Militar (e membro da resistência

alemã), que conspirara em assassinar o *Fuhrer* em 1944. Ao receber as acusações, ele negou todas.

Robert Ley, o líder da Frente de Trabalho Alemã, uma organização que substituía os sindicatos depois que foram proibidos por Hitler nos anos 30. Ley estava envolvido na compra e maus tratos de trabalhadores estrangeiros, porém nunca chegou ao tribunal. Na noite de 25 de Outubro, ele se enforcara na sua cela com toalhas e uma cueca na sua boca para abafar os gritos.

O *gauleiter* da Turíngia, Fritz Sauckel, foi o subordinado imediato de Albert Speer, sendo acusado de fornecer trabalhadores escravos para Speer – uma estimativa de 10 milhões até o final da guerra -, que eram espancados, morriam de fome e mantidos em condições deploráveis. Tipicamente, ele negou as acusações das péssimas condições de trabalho, alegando que apenas fornecia trabalhadores para as fabricas da Alemanha. De qualquer modo ele era fielmente cego ao Fuhrer.

Porém, de todos os nazistas presos, o que tinha uma mais notável inteligência era Albert Speer. O arquiteto de Hitler e ministro de Armamentos do Reich, aparentava, para muitos de modo cínico que era um nazista visivelmente arrependido, e um “bom alemão.” Speer, de 40 anos pensava que se demonstrasse arrependimento e vontade de colaborar, sua sentença seria mais leve. Junto com Speer, Konstatin von Neurath era inteligente, um diplomata de classe alta, que imprudentemente aceitara os cargos de ministro das Relações Exteriores e de *reichsprotetektor* na Tchecoslováquia.

Franz von Pappen, ou “A Raposa Prateada”, como apelido, tinha uma lealdade duvidosa. No período que ocupou a chancelaria na República de Weimar, lutou ferozmente contra os nazistas, porém quando os nazistas ocuparam o poder, nunca se opôs contra eles, sendo um de seus aliados incondicionais. O vice – chanceler de Hitler, quando tinha em mãos sua acusação, alegou ser um homem de paz e que sempre lutou por ela.

Por de trás de grossas lentes, um homem indiferente observou o grupo que lhe entregaria a acusação. Esse homem era Arthur Seyss – Inquart, de nacionalidade austríaca, vendeu seu país para os nazistas em troca de poder e privilégios, ocupando os cargos de *Reichskomissa* dos Países Baixos e de vice

governador - geral da Polônia Hans Frank. Ele serviu de lacaio de Hitler no momento da Anshuluss (a anexação à Alemanha). Fora ele o responsável pelo envio de mais de 120 mil civis holandeses para os campos de Auschwitz, Sobibor, Belsen e Mauthausen. Outro acusado que mostrava um ar de arrogância e insolência era Hjalmar Schacht. Este argumentava que sua atual posição não tinha nenhum fundamento moral, como ele alegava que não tinha participação nenhuma com o Holocausto, por ser apenas um banqueiro de Hitler, porém ele foi o principal incentivador do rearmamento da Alemanha.

O coronel – general Alfred Jodl tinha sido o chefe de Operações do Alto Comando Alemão e o principal conselheiro militar de Hitler. Por conta de sua posição na hierarquia militar, desejava respeito e privilégios por conta de sua patente. Mas fora tratado como um criminoso de guerra. Fora um dos responsáveis pelo planejamento de dominação da Europa e assinou pessoalmente as ordens para a execução de prisioneiros. Quando recebeu sua acusação perguntou que tipo de advogado seria melhor para lhe defender, um especialista em direito penal ou em direito internacional?

Outro militar na mesma situação de acusado era o marechal de campo, Wilhelm Keitel. Ele sentia – se envergonhado da situação, ainda mais por ter dado as ordens para o *kommandobefehl*, que autorizava aos militares do Exército e da Marinha para atirar em soldados capturados. O ultimo acusado na lista foi Karl Donitz, acusado de provocar uma guerra de agressão e de crimes de guerra, como por exemplo, a “Ordem Lacônia” de 1942, que consistia na ordem em atirar em soldados que estavam em botes salva – vidas em pleno auto mar.

Paul Roland relata o contato que Neave teve com os 20 acusados:

“Em seu contato com os vinte acusados, Neave notou que a elite nazista mostrava dois aspectos distintos para o mundo. Em primeiro lugar, havia os alemães cultos, egoístas e pseudo – intelectuais, cujo antissemitismo inato fora, por influência de Hitler, socialmente aceito. Os membros da elite nazista eram sócios de um clube exclusivo. Em seguida, vinham as personalidades insignificantes que mantinham a máquina do terror. Esses burocratas servis e medíocres ascenderam à posição que lhes davam poder de vida e morte sobre os seus conterrâneos.

Os dois grupos não tinham consciência ou compaixão e transferiam sua lealdade, assim que seu amado líder revelasse sua verdadeira natureza, isto é, seu desejo de autodestruição. Eles eram homens vazios, cifras superficiais de um regime tirânico que existira só para

se enriquecer às custas dos outros, um governo cuja a única visão era de se glorificar e se gratificar”.

(Os Julgamentos de Nuremberg, Roland, p.74, 2013)

Agora esses homens que por 12 anos gozaram de um alto poder, aguardavam o julgamento do mundo que haviam tentado dominar e escravizar.

3.3 OS JUIZES ALIADOS

No Tribunal de Nuremberg, havia oito juizes, sendo eles quatro titulares e quatro suplentes, que tinham em suas mãos as responsabilidades e obrigações ao longo dos dez meses dos autos e trâmites do processo. A presidência do tribunal coube ao lorde inglês Geoffrey Lawrence, como o juiz inglês Norman Birkett como suplente; Francis Biddle, o juiz titular norte – americano, teve como seu suplente John J. Parker; a França por sua vez foi representada por Henri Donnedieu de Vabres e Robert Falco; e a Rússia pelo major – general Nikitchenko e o tenente - coronel Volchkov.

Geoffrey foi oficial de artilharia na Primeira Guerra Mundial, portanto sabia que a lei que governava a conduta na guerra nem sempre podia ser aplicada com uma rigidez e exatidão a homens que estavam em combate. Ele seria justíssimo com ambas as partes porque tinha consciência que os vitoriosos não estavam isentos de culpa. Já o juiz Birkett era um excelente advogado que ficara profundamente desapontado por não ter sido escolhido como presidente do tribunal.

Por outro lado, Robert H. Jackson seria o promotor – chefe. Sendo este o homem ideal para o trabalho. Além de ter seu compromisso com a justiça, ele tinha uma profunda aversão ao nazismo e pelas as pessoas que de alguma maneira tiveram vantagens quando se juntaram ao regime de Hitler. Jackson tinha a determinação em se realizar um julgamento que demonstrasse o triunfo da moral superior, e não de um poder superior.

Nos dias seguintes à entrega das acusações, os juizes se reuniram em sessões fechadas. O motivo dessas reuniões, era em torno se os acusados poderiam ser defendidos por antigos advogados nazistas, e de fato não haveria

impedimento enquanto a isso, uma vez que não haveria advogados suficientes na Alemanha e aqueles poucos que eram bem qualificados não tinham muito interesse de defender antigos membros da Gestapo e SS.

3.4 OS NAZISTAS EM JULGAMENTO

Na manhã bem cedo do dia 20 de Novembro, os vinte acusados foram escoltados (menos Kaltenbrunner que fora para o hospital com suspeita de hemorragia subaracnóidea) de suas celas pelo guardas, até a sala do tribunal. Às 10 horas, o juiz Lawrence, diante de uma sala cheia e em silêncio declarou aberta a sessão. Logo em seguida houve a leitura formal das acusações, algo que se prolongou por dois dias. Depois de meses de espera para o início do julgamento, este seguiu uma rotina monótona, com a definição dos devidos procedimentos e com o ditado de documentos grandes e volumosos, sendo que as perguntas subseqüentes se baseariam nesses arquivos. O próximo passo era a leitura das acusações de conspiração e atos de agressão; começaram com atrocidades específicas e bem detalhadas: a ordem do *Fuhrer* da destruição total de Leningrado; a ordem de deportação de civis; a morte por exaustão de 780 padres católicos em Mauthausen; a destruição de comunidades inteiras do leste pelos *Einsatzgruppen*; etc.

Pela primeira vez foram detalhados os massacres cometidos pelos nazistas, que causou espanto geral nas pessoas presentes no tribunal, porém os únicos que permaneciam indiferentes em relação à leitura de crimes, foram os acusados, seja talvez porque já estavam familiarizados com as acusações. Hess por exemplo, lia um romance ou até dormia e Goering reagia com um riso estranho. Mas no geral todos apresentavam impaciência e inquietação no tribunal. O jornal Time de Londres, publicou em sua edição relatando que a imprensa era bem mais numerosa que os acusados e a promotoria, e que também os acusados pareciam demonstrar pouquíssimo interesse pelos trâmites do processo que de fato julgariam suas vidas. No dia seguinte à leitura das acusações, os réus deveriam apresentar suas devidas contestações. Depois que todos, logicamente, declararam se não culpados, o promotor Jackson preparou para ter início seu discurso de quatro horas da abertura do julgamento. Jackson deixou claro para os presentes que aqueles réus não

tinham importância nenhuma para o mundo, mas eram símbolos de suas influências sinistras eles eram de fato extremamente importantes. Eles representavam o ódio racial, nacionalismo extremo e xenófobo, militarismo desmedido e o maior e mais cruel abuso de poder.

Nos dias e semanas seguintes o processo dividiu – se em duas fases: a primeira se concentraria em determinar a criminalidade dos diversos órgãos do governo do Reich, e a segunda definiria a culpa de seus representantes. O problema que para provar o fato criminoso de tais instituições, era preciso apresentar diagramas e documentos complexos detalhando a estrutura da administração do regime de Hitler., afim de mostrar o envolvimento dos réus com cada entidade. Felizmente para os aliados e o processo judicial, como Paulo Roland detalha:

“[...] a reputação de meticulosidade e organização alemãs foi cumprida com extremo rigor pelo regime nazista. Registros detalhados de todas as ordens e relatórios de todas as reuniões eram arquivados com cuidado. Todos os pedidos de material, desde artigos de papelaria a latas do gás Zyklon B (usado para matar prisioneiros nos campos de extermínio) eram assinados pelos responsáveis em pôr em prática a política nazista [...]”

(Os Julgamentos de Nuremberg, Roland, p.78, 2013)

A leitura da grande quantidade de documentos foi longa, no qual ele demonstrava a participação da administração do governo na invasão de Hitler à Áustria, Tchecoslováquia, Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Grécia, Iugoslávia e União Soviética.

Com isso, no final da segunda semana de julgamento, o público já diminuía consideravelmente e havia inúmeros assentos vazios em toda a sala. Goering, disse com tom irônico que as sentenças já estavam sendo executadas, porque Jackson estava matando todos de tédio.

Realmente isso tinha um problema, por conta que a pilha de documentos e os depoimentos de testemunhas não mostravam a veracidade necessária para uma grande repercussão dos crimes nazistas. Era necessário mostrar algum material realmente chocante para abrir os olhos do mundo. Foi então que o promotor dos Estados Unidos Thomas Dodd encontrou o que o julgamento precisava. Dodd, que era um ex - agente especial do FBI conhecia bem o

poder de imagens e sabia perfeitamente como usar em um julgamento. Mesmos os réus sendo astuciosos, não poderiam negar aquilo que estava por vir.

Em 29 de Novembro, logo no início da sessão da parte da manhã, Dodd apresentou filmes feitos com fotografias tiradas por fotógrafos militares das tropas aliadas. Havia também filmagens como do cineasta norte – americano George Stevens, que durante a guerra foi operador de câmera para o Exército dos Estados Unidos, dos quais estão no seu documentário, “Nazi Concentration Camps”, que mostra bem a realidade dos prisioneiros quando foram libertados. Tais filmes eram procedidos pela leitura dos depoimentos de juramentados dos diretores e dos cinegrafistas. Neles, eles afirmavam que os filmes eram um registro verídico do que haviam visto nos campos, sendo que nenhuma edição fora feita ou adulterado. A platéia do tribunal estava despreparada para aquele conteúdo. As primeiras fotos mostraram a enorme rede de campos na Europa ocupada, sendo que muitos desconheciam a extensão dos campos de extermínio. As imagens terríveis que são familiares hoje em dia foram exibidos, em uma rápida sessão pela aquela manhã.

Como esperado por Todd, as filmagens causaram espanto nas pessoas presentes. Alguns membros do tribunal cobriram o rosto com as mãos e outras pessoas se levantavam para deixar a sala. Alguns réus choravam, mas não por dó ou tristeza daqueles que perderam as vidas nos campos, mas porque agora tinham certeza que não escapariam da execução.

Por outro lado, no dia 4 de Dezembro, a promotoria da Grã – Bretanha, iniciou - se seus trabalhos. Sir Hartley Shawcross fez um discurso bem persuasivo no qual afirmou que os réus eram instrumentos da vontade de Hitler, e que sem eles, o ditador não teria sido capaz de começar uma guerra de agressão. Foram estes mesmos homens que planejaram e iniciaram os atos criminosos, todos em nome de Hitler. Logo, o promotor britânico fez menção, do modo covarde de defesa dos réus, que alegavam estar apenas cumprindo ordens superiores.

Já, em 18 de Dezembro, a promotoria começou a apresentar provas para incriminar as diversas organizações nazistas. Entre uma dessas provas estava à declaração do doutor Sigmund Rascher, do campo de concentração de Dachau. Nela, era descrito, experimentos que visavam uma forma mais

eficiente de reanimar pilotos da Luftwaffe resgatados, depois de serem abatidos no mar do norte. Sigmund mandava por prisioneiros nus em tanques de água gelada, no qual ainda acrescentava grandes cubos de gelo. Deste modo eram observadas as temperaturas dos corpos. Para os métodos de reanimação, esses mesmos prisioneiros eram postos em tanques de água quente ou morna. Ainda abordando o assunto nos campos de concentração Alon Confino mostra quando foram experimentadas as câmaras de gás, em 1941:

“Os primeiros experimentos de matar judeus com gases ocorreram em Mogilev e Minsk de 3 a 18 de Setembro. No mesmo mês, 600 prisioneiros de guerra soviéticos em Auschwitz foram mortos com o uso de gás cianureto Zyklon B [...]”

(Um Mundo Sem Judeus; Confino, p.214, 2016)

Thomas Dodd, depois de chocar todos com filmes dos campos, apresentou outra prova que chocaria o tribunal. Em uma mesa ele mostrava uma cabeça reduzida de um prisioneiro polonês, que era usada simplesmente como um mero peso de papel, pela mulher do comandante do campo de concentração de Buchenwald. Em seguida, Dodd mostrou algo não menos chocante – um pedaço de pele tatuada arrancada de um prisioneiro que Ilse Koch (a comandante do campo), se admirava por ter abajures feitos de pele humana.

No entanto, era claro que essas provas não eram suficientes, para que os acusados admitissem suas participações nos atrocidades cometidas. Por conta disso o próximo passo para o tribunal, era ouvir as palavras das testemunhas.

Em 3 de Janeiro de 1946, os promotores convocaram o oficial da SS Dieter Wisliceny para depor. No seu depoimento, ele disse que ajudara a organizar a deportação de judeus para os campos de extermínio por ordem direta de Goering. Ainda lhe foi perguntado, o que havia acontecido com os 450 mil judeus deportados. Ele respondeu que foram levados para Auschwitz como parte da solução final, sendo que apenas 25% a 35% foram poupados para usarem como mão de obra. Diante disso, Goering teria reagido indignado, por conta de um oficial alemão ter o incriminado pela morte de quase 500 mil pessoas. Ele próprio teria dito de como os “alemães vendiam a alma fácil diante do inimigo.”

Ainda no mês de Janeiro, aqueles que foram mortos seriam ouvidos por intermédio daqueles que conseguiram sobreviver nos campos de concentração. Um deles era Marie-Claude Vaillant-Counturier, ex – membro da

resistência francesa, que fora enviada para Auschwitz, por se negar a assinar uma confissão falsa. Quando pediram para relatar o que vira no campo, ela disse que vira mulheres nuas empilhadas em caminhões abertos sendo levadas direto para as câmaras de gás. Enquanto eram levadas aos choros e gritos porque já sabiam o destino ainda eram espancadas com varas; e as que tentavam fugir eram mortas no local.

Por conta da Operação Barbarossa, os russos também tinham suas histórias de massacres para ser contatadas, como por exemplo, as ações promovidas dos *Einsatzgruppen*, em Vilna, a oeste da Rússia. No dia 27 de Fevereiro, foi à vez da promotoria da Rússia convocar sua testemunha Abram Suzkver, ex – morador da cidade, para descrever o que presenciou da ocupação alemã. Suzkver relatou que em Julho de 41, os alemães ordenaram aos judeus que costurassem estrelas de Davi amarelas em suas roupas, para se diferenciar dos demais habitantes. Aqueles que ainda se recusavam a usar o símbolo ou que diziam não ter recebido a tal ordem, eram detidos e desapareciam. Para ele os alemães acreditavam ser uma raça superior em relação a outras e assim gostavam de humilhar os judeus e eslavos, que consideravam seres *Untermenschen*, que apenas existiam para servi – los como escravos.

Dos 80 mil judeus que viviam em Vilna antes da ocupação alemã, só restavam 600 no termino da guerra.

No início de Março de 46, a promotoria interromperia seus trabalhos e os advogados de defesa iniciariam sua tarefa. Esses advogados sentiam – se de fato intimidados pela imprensa, que descreviam eles com simpatizantes do nazismo e até ex – membros do partido, que era até uma verdade, mas que agora estavam apenas cumprindo seus deveres profissionais, de representar com toda liberdade e da melhor maneira possível seus clientes.

De todos os depoimentos dos réus, o qual possa merecer uma maior atenção é o depoimento de Hermann Goering. Quando Goering foi convocado pra testemunhar no dia 13 de Março as 14h30, os presentes viram sua verdadeira personalidade.

Como consta Paul Roland, o promotor Jackson começou seu interrogatório perguntando para Goering porque os campos de concentração foram uma

prioridade e qual era a tamanha necessidade. Diante disso Goering permaneceu calmo e controlado, ele não se deixava ser manipulado, e sempre aproveitava as oportunidades para fazer um sermão para o seu benefício, com finalidade de desviar a atenção da discussão dos atos de conspiração, para questões administrativas do Reich. Ele respondera que a criação dos campos de concentração era prioritária para eliminar a oposição.

Assim, para desanimo de Jackson, Goering fazia longos discursos cansativos para justificar suas ações. Era extremamente difícil para a promotoria tirar alguma resposta daquele homem. Para a imprensa, após o primeiro dia de depoimento, Goering tinha se saído muito bem, em relação ao promotor Jackson.

No segundo dia de depoimento, Goering falou por quase cinco horas, chegando até rasgar os documentos de sua acusação, alegando que o princípio de hierarquia não era exclusivo do Estado Nazista, dizendo que os nazistas haviam se inspirado na hierarquia papal da Igreja Católica e no sistema presidencial da União Soviética e dos Estados Unidos, no qual consistia em líderes sempre guiados por um líder supremo, dois quais não respondiam a ninguém mais.

No terceiro dia, sua fala durou doze horas de depoimento, onde citou até uma frase de Winston Churchill: “Na luta pela vida e morte, não há legalidade”. Sem dúvida alguma, Goering tinha o dom da oratória assim como Hitler e sabia prender a atenção dos demais em seu favor. Diferente dos outros réus que agora não passavam de homens derrotados em seus termos velhos e uniformes sem medalhas de patentes, Goering por outro lado se recusava em admitir que era um criminoso de guerra, e que ainda era um soldado e estadista determinado em ter seu lugar na história. No quarto dia de depoimento, Jackson começava lhe perguntado se fora de sua responsabilidade o afastamento dos judeus na vida econômica. Goering friamente responderá que sim. Em seguida Jackson perguntava se também fora responsabilidade de Goering sobre a lei que punia coma a sentença de morte quem transferia dinheiro para o exterior; e mais uma vez ele respondia que sim. Claramente Jackson mudará de estratégia, onde agora colocava Goering contra a parede.

Ainda lhe perguntou se fora o responsável pela lei que obrigavam os judeus a pagar pelos danos causados na *Kristallnacht*. Com um tom de constrangimento, Goering respondeu que assinara algo semelhante. Com perguntas diretas sobre os crimes específicos que cometerá, Jacson havia conseguido encurralar Goering, mostrando que ele era um fiel colaborador de Hitler.

Outro depoimento que vale a pena incluir nesta pesquisa, é a de Rudolf Hoess em 5 de Abril (Doc. 3868PS, v. 33, 27579), no qual testemunhava para Ernest Kaltenbrunner. Hoess foi comandante do campo de Auschwitz desde 1943, ele teria feito este depoimento livre e espontânea vontade, e que eram verdadeiros os fatos alegados. Ele confirma que em média 2.500.000 vítimas perderam as vidas, sendo exterminadas por gás ou nos fornos crematórios, e ainda pelos menos meio milhão morreu de inanição e doenças com um total de 3 milhões de mortos.

“Então usei o Zyklon B, um gás à base de ácido cianídrico, que era jogado por uma pequena abertura nas câmaras de gás em Auschwitz. O efeito letal do gás demorava de três a 15 minutos dependendo das condições climáticas. Sabíamos que as pessoas tinham morrido quando os gritos paravam. Em geral, esperávamos cerca de meia hora até abrir as portas e retirar os corpos. Depois da remoção dos cadáveres nossas forças especiais do *Kommando* tiravam os anéis e arrancavam as obturações de ouro”

(Os Julgamentos de Nuremberg, Roland, p.136, 2013)

Por fim Hoess que deveria testemunhar a favor de Kaltenbrunner, acabou por sua vez sendo incriminado pelo homem que já foi seu subordinado; Hoess já sabia que o seu destino final seria a forca de qualquer maneira.

Claro, que nem todas as testemunhas convocadas compareceram ao julgamento. Por vários motivos preferiam apresentar suas declarações sob juramento, lidas por um membro da promotoria; no entanto nada disso as tornava menos válidas e perturbadoras. Talvez o relato mais emocionante fora de Hermann Graebe, um gerente de obras que presenciara a execução em massa de judeus ucranianos durante a frente do leste, perto da cidade de Dubno. Ele relatou ter visto 3 grandes buracos, cada um deles com 30 metros de comprimento e três de profundidade, onde neles eram mortas aproximadamente 1.500 pessoas por dia. Famílias inteiras eram mortas nesses

buracos, muitos choravam e despediam de seus entes queridos, mas nenhuma se lamentava ou pedia por clemência; sendo que os encarregados pela execução eram membros da SS.

Por fim, o trabalho de defesa foi – se encerrado no final de Julho de 1946. No dia seguinte se iniciaria o ultimo ato daquele que se chamava o “julgamento do século”, quando os promotores Jackson e Shawcross fizeram seus discursos de encerramento. Jackson enfatizou sobre as dificuldades jurídicas que o tribunal enfrentou em sua tentativa de ser justo e imparcial com ambos os lados. Em seguida a Jackson, o inglês Sir Hartley Shawcross encerrou o trabalho da promotoria britânica, esclarecendo a definição de guerra de agressão, reafirmando que, segundo a Carta do Tribunal Militar Internacional, era considerado um crime planejar, preparar e iniciar uma guerra violando os tratados internacionais.

A invasão de Hitler à Europa e aos países do Leste, não fora uma guerra de defesa da Alemanha contra o comunismo, como foi argumentando por Alfred Joedl e Wilhelm Keitel. A Carta, não tinha sido elaborada para legitimar o processo judicial contra o inimigo que foi derrotado, mas sim para oferecer modos pelos quais algumas nações prejudicadas poderiam usar as leis existentes para processar coletivamente os que haviam cometido crimes em uma grande escala.

3.5 OS VEREDICTOS FINAIS

O dia 31 de Agosto foi marcado pelos últimos depoimentos de defesas dos acusados, acompanhado no mundo todo pelo rádio.

Albert Speer neste dia escrevera:

“Essa era a última oportunidade de nos dirigirmos ao nosso povo e também nossa última chance, ao admitirmos nossa culpa, de enfrentar com honestidade os crimes do passado para mostrar à nação que nos enganamos, assim como um meio de expressar nossa perplexidade.”

Outros acusados fizeram algum gesto simbólico de arrependimento, mas nem todos foram convincentes. Walther Funk disse, por exemplo, que tinha um

sentimento de culpa, porém negou ter cometido qualquer ação imprópria. Ribbentrop tentou alertar ao ocidente dos perigos que a União Soviética representava. Keitel falou que cometera erros, que possa ter sido fraco, mas nunca, indigno, covarde ou desleal. Hess balbuciou algumas palavras. Rosenberg e Kaltenbrunner foram também inexpressivos. Depois de dez longos meses de tribunal, o ambiente era tenso e às vezes tedioso, até Goering, aquele que enfrentou todo o processo com energia, mostrava algum sinal de cansaço. Em seu último depoimento, o *Reichsmarschall* não foi nenhum pouco persuasivo como antes; mas continuava em não mostrar arrependimento e até reiterou lealdade ao líder falecido.

Depois, de uma análise expressiva de provas documentadas, como escritas, além de declarações de pessoas que testemunharam os horrores, os juízes chegaram aos seguintes veredictos:

HERMANN GOERING

VEREDICTO: Culpado em quatro acusações condenado á morte por enforcamento.

O julgamento de Goering, concluiu que desde que aderiu ao Partido Nazista em 1922, Goering foi conselheiro de Hitler e um dos principais líderes nazista. Foi ele que criou a Gestapo e os primeiros campos de concentração, depois incumbiu Himmler de administrar. Na noite anterior á invasão da Tchecoslováquia ele ameaçou a bombardear Praga. Ainda nos autos do processo contêm diversas confissões de cumplicidade no uso de trabalho escravo. Embora o extermínio de judeus estivesse nas mãos de Himmler, Goering sempre teve um papel atuante, portanto não havia como desculpar esse homem.

RUDOLF HESS

VEREDICTO: Culpado nas acusações 1 e 2. Condenado à prisão perpétua.

O julgamento de Hess concluiu que como vice – líder do Partido Nazista, Hess tinha a responsabilidade de administrar todas as questões referentes ao

partido, além de tomar decisões em nome de Hitler, por isso participou das guerras de agressões contra a Áustria, Tchecoslováquia e Polônia.

JOACHIM VON RIBBENTROP

VEREDICTO: Culpado nas quatro acusações. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Ribbentrop concluiu que ele não estava presente na Conferência de Hossbach realizada em 5 de Novembro de 1937 (na qual Hitler revelava seu plano de guerra), mas em 2 de Janeiro de 1938, quando embaixador na Inglaterra, ele enviou um memorando para Hitler que a mudança no *status a quo* no leste da Alemanha só poderia ser feita através do uso da força. Ribbentrop ainda participou dos planos de agressão à Tchecoslováquia. Também fora mostrado que teve papel – chave na diplomacia que acabaram resultando na invasão da Polônia, sem contar que teve papel importante na “Solução Final”. Como ministro de Relações Exteriores, ele conferiu poderes ao corpo diplomático para diversos agentes apressar as deportações de judeus do oriente. Ele participou de todas as guerras de agressões desde a ocupação da Áustria até a invasão da União Soviética.

WILHELM KEITEL

VEREDICTO: Culpado em quatro acusações. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Keitel concluiu que ele foi um dos presentes na reunião de Hitler de 23 de Maio de 1939, quando anunciou que iria atacar a Polônia. Ele também assinou um pedido para que a Wehrmacht apresentasse seu “Fall Weiss”, sendo este o planejamento estratégico para a invasão da Polônia, ao Alto Comando das Forças Armadas no dia 1º de Maio. Keitel ainda realizou os ataques de invasão a Bélgica e Países Baixos. Apesar de opor – se ao ataque a União Soviética, no entanto ele iniciou a Operação Barbarossa, que ordenava que o número de mortes deveriam ser, de 50 a 100 comunista por soldado

alemão, dando significado para ele que as vidas no leste europeu não tinha importância alguma.

ERNEST KALTENBRUNNER

VEREDICTO: Culpado das acusações 3 e 4. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Kaltebunner concluiu que quando foi nomeado chefe da Polícia de Segurança, da SD e do RSHA em 30 de Janeiro de 1943, Kaltenbrunner assumiu a direção que incluía os principais escritórios da Gestapo, SD e da Polícia Criminal, e essas organizações se envolveram com crimes contra a humanidade, que incluíram os maus tratos e assassinados de judeus e outras pessoas consideradas ideologicamente hostis ao nazismo, que assim eram enviadas pelo RSHA aos campos e extermínio. O RSHA sobre comando de Kaltenbrunner exerceu um grande papel na “Solução Final”, sendo que a morte de aproximadamente 4 milhões foram supervisionadas pelo RSHA sob o comando de Kalterbrunner.

ALFRED ROSENBERG

VEREDICTO: Culpado das quatro acusações. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Rosenberg concluiu que como um grande ideológico do Partido, ele ajudou e estimulou as doutrinas nazistas nos jornais *Volkischer* e *NS Monatshefte* editado por ele e nos livros que escrevera. Como chefe do *Aussenpolitisches Amt* (APA), cujo seus agentes eram conspiradores nazistas no mundo inteiro. Em relatórios seus ele mencionava que o APA tivera um papel crucial na anexação da Romênia pelas tropas do Eixo. Ele ainda foi responsável por ajudar ainda na elaboração de executar a política de germanização do leste, assim desse modo, explorando o trabalho forçado e extermínio de judeus, pois segundo ele Leis e Costumes da Guerra Terrestre da Convenção de Haia não se aplicavam nos territórios ocupados da Europa Oriental. Foi dele a assinatura a ordem de 14 de Junho de 1941 para

execução da *Heu Aktion*, que consistia na captura de 40 a 50 mil jovens entre 10 a 14 anos para serem levados ao Reich.

HANS FRANK

VEREDICTO: Culpado nas acusações 3 e 4. Condenado à morte por enforcamento.

O Julgamento de Hans Frank concluiu que quando foi nomeado diretor no Departamento de Administração Civil dos territórios ocupados na Polônia, ele anunciou que a Polônia seria uma colônia da Alemanha, portanto os poloneses iriam ser tratados com escravos. Frank era o responsável pela morte por inanição de muitas pessoas, por conta da sua política de envio de trabalho escravo para Alemanha, tendo ele deportado, mais de 1 milhão de poloneses, e exterminou pelo menos 3 milhões de judeus.

WIHELM FRICK

VEREDICTO: Culpado das acusações 2, 3 e 4. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Wilhelm Frick, concluiu que este foi um nazista convicto, sendo responsável por ter submetido à população alemã ao controle total do Partido Nazista. As inúmeras leis que ele elaborou, assinou e administrou eliminaram todos os partidos de oposição e com isso preparou caminho para o surgimento da Gestapo e dos campos de concentração. Foi ele também o responsável pela promulgação que eliminou os sindicatos, a Igreja e tirou os judeus de toda a vida econômica da Alemanha.

JULIUS STREICHER

VEREDICTO: Culpado da acusação 4. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Streicher chegou à conclusão que em nenhum momento sentiu um pingo de arrependimento ou remorso. Ele pregou por anos um

discurso de ódio contra judeus, ele fora o responsável por inundar a mente da população alemã com seu antissemitismo fanático. Streicher foi responsável pelo boicote aos judeus em 1º de Abril de 33; ele ainda defendeu a aplicação das Leis de Nuremberg de 35. Por conta da influência que exerceu sobre os alemães, foi levado para a forca.

WALTHER FUNK

VEREDICTO: Culpado das acusações 2, 3 e 4. Condenado a dez anos de prisão.

O julgamento de Funk concluiu que ele participou ativamente no campo econômico depois que os nazistas declararam seus planos de uma guerra de agressão. Em 1942 Funk junto com Himmler fizeram um acordo do qual o *Reichsbank* receberia ouro, jóias e dinheiro da SS, do qual foram tomados dos judeus. Nisso incluía relógios e outros pertences pessoais. Ouro das armações e obturações fora guardados nos cofres do *Reichsbank*. Segundo o tribunal, ou Funk sabia que o banco recebia essas entregas, ou fingia não perceber.

HJALMAR SCHACHT

VREDICTO: Não culpado

O julgamento concluiu que como ministro da Economia, Schacht com muito dinamismo reergueu a economia alemã, com o objetivo de prepará-la para guerra. Mas o rearmamento em si, não era considerado crime pela Carta. Para ser considerado crime contra paz de acordo com o art. 6º da Carta, precisaria de provas contra Schacht, que ele realizara o programa de rearmamento como parte do plano de guerras de agressão. Já que não era o caso de Schacht.

KARL DOENITZ

VEREDICTO: Culpado das acusações 2 e 3. Condenado a dez anos de prisão.

Conclui – se que Doenitz apesar de ter organizado e treinado as forças militares dos submarinos alemães, essa evidência não mostrava correlação na conspiração para empreender a guerra de agressão. Porém Doenitz fora responsável pela Ordem de Comando de Hitler de 18 de Outubro de 1942, pela qual a tripulação sobrevivente aliada fora morta a tiros pelo SD.

ERICH RAEDER

VEREDICTO: Culpado das acusações 1, 2 e 3. Condenado à prisão perpétua. Reader foi solto em 1955.

Conclui – se que nos 15 anos em que comandou a Marinha, Raeder dirigiu e organizou Marinha da Alemanha, ele reconheceu que a Marinha violou o Tratado de Versalhes. Ele ainda organizou o planejamento da invasão da Noruega. Portanto esse fato era uma evidência de sua participação em promover uma guerra de agressão.

BALDUR VON SCHIRACH

VEREDICTO: Culpado na acusação 4. Condenado a vinte anos de prisão.

No julgamento de Baldur von Schirach concluiu que ele usou a Juventude Hitlerista ao seu comando para doutrinar os jovens alemães sob o molde do espírito do nacional – socialismo. Quando von Schirach foi nomeado *Gauleiter* de Viena, as deportações já haviam começado, porém o tribunal chegou a conclusão que embora ele não tenha criado a política de deportações de judeus de Viena, ele participou ativamente.

FRITZ SAUCKEL

VERDICTO: Culpado das acusações 3 e 4. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Sauckel concluiu – se que logo depois de assumir seu cargo de Plenipotenciário Geral para o Emprego de Trabalhadores do III Reich, ele passou a ter autoridade para administrar os serviços de trabalho compulsório

na Alemanha. Em umas de suas declarações datadas de 1º de Março de 1944, ele alega que “dos 5 milhões de trabalhadores que vieram para a Alemanha, nem menos 200 mil vieram por vontade própria”. As provas no processo mostravam que Sauckel era o responsável por um programa que envolvia a deportação de milhões destinados a mão de obra escrava e em muitas vezes em condições de crueldade e sofrimento.

ALFRED JODL

VEREDICTO: Culpado em todas as 4 acusações. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Jold concluiu que ele discutiu a invasão da Noruega com Hitler, Keitel e Raeder. Ele também exerceu um papel atuante no planejamento da invasão da Grécia e da Iugoslávia. Sua defesa se baseava na doutrina das “ordens superiores”, proibidas pelo art. 8º da Carta, como argumento de defesa. Porém a participação em crimes dessa natureza nunca foi exigida de nenhum soldado, portanto ele não poderia se esconder atrás de uma exigência militar de obediência, como desculpas pelos seus crimes cometidos.

FRANZ VON PAPEN

VEREDICTO: Não culpado. Absolvido.

O julgamento de Papen concluiu que ele exerceu um papel atuante de 1932 a 1933 ao ajudar Hitler a formar um governo de coalizão e ainda o ajudou na nomeação de chanceler no governo de Hindenburg. Como vice – chanceler daquele governo ele foi ativo na consolidação do controle nazista de 1933. Já no governo do III Reich, foi ministro da Áustria, ajudou a enfraquecer o governo austríaco com fim de ajudar na sua anexação com a Alemanha. No contexto da Carta, só poderia ser considerado culpado se ele tivesse participação no planejamento de uma guerra de agressão; que no caso dele não foram comprovado que ele tivesse participado.

ARTHUR SEYSS – INQUART

VEREDICTO: Culpado das acusações 2, 3 e 4. Condenado à morte por enforcamento.

O julgamento de Seyss – Inquart concluiu que ele participou das etapas finais das articulações nazistas que antecederam à ocupação da Áustria pela Alemanha. Ainda como comissário do Reich nos territórios ocupados dos Países Baixos, Seyss - Inquart usou métodos brutais de terrorismo para acabar com a oposição à ocupação alemã. Em colaboração da SS e da Polícia, ele se envolveu em fuzilamentos de reféns por ofensas contra as autoridades alemãs de ocupação.

ALBERT SPEER

VEREDICTO: Culpado das acusações 3 e 4. Condenado a vinte anos de prisão.

O julgamento de Speer concluiu que as provas apresentadas no processo para as acusações 3 e 4 referiam – se inteiramente à sua participação no programa de trabalho escravo. Como ministro de Armamentos e Munições, Speer tinha uma enorme autoridade nas questões de produção. Tais trabalhadores necessários eram conseguidos por Sauckel, e Speer sempre soube que a mão de obra que pedira seria proveniente de mão de obra forçada de estrangeiros, dos quais eram trazidas à força.

KONSTATIN VON NEURATH

VEREDICTO: Culpado das 4 acusações. Condenado a 15 anos de prisão, porém solto por conta de sua frágil saúde.

O julgamento concluiu que como protetor do Reich da Boêmia e da Moravia, a livre imprensa, os partidos políticos e os sindicatos foram eliminados, e todos os opositores à ocupação alemã foram banidos; assim muitos crimes de guerra e crimes contra a humanidade foram cometidos sobre o seu pleno conhecimento.

HANS FRITZSCHE

VEREDICTO: Não culpado. Absolvido.

E por último, o julgamento de Fritzsche apesar de ser o diretor da Divisão de Rádio, umas das 12 divisões do Ministério de Propaganda. Fritzsche fez algumas declarações de apoio ao regime, porém para o tribunal, essas declarações não tinham o objetivo de instigar o povo alemão a cometer atrocidades com os judeus e os povos conquistados. Porém posteriormente foi condenado a 9 anos de prisão na Alemanha Ocidental, como parte do plano de denazificação.

3.6 ABSOLVIDOS, PORÉM INDESEJÁVEIS

Fritzsche, Schacht e von Papen, estavam livres para partir depois que o tribunal decidiu pela absolvição. Em uma breve coletiva de imprensa os três davam entrevistas, com alegria e surpresa pela misericórdia que o tribunal havia lhes dado.

Pouco tempo depois do anúncio dos veredictos, uma multidão enfurecida reuniu – se em frente dos portões do tribunal pedindo que os três nazistas fossem linchados.

“O povo se voltava contra os antigos senhores e eles foram obrigados a dormir mais de uma noite em suas celas por medida de segurança, enquanto as autoridades discutiam maneiras de tirá – los da prisão em segredo. Dois dias depois, Fritzsche e Schacht foram levados para um local secreto em algum lugar da cidade, mas von Papen ainda teve de esperar mais três semanas até que o filho o levasse para casa”

(Os Julgamentos de Nuremberg, Roland, p.184, 2013)

Isso mostrava que o julgamento tivera seu efeito desejado sobre os alemães, mostrando que a população uma vez que de início até apoiavam seus antigos líderes, que agora pediam a morte deles.

3.7 OS JULGAMENTOS DOS MÉDICOS

O julgamento dos principais criminosos de guerra nazistas não foi o único tribunal realizado na cidade de Nuremberg no período imediato do pós – guerra, porém era o único processo judicial, com representantes das quatro potências aliadas vencedoras. Logo após o termino do julgamento principal, os americanos realizaram outros 12 julgamentos, porque Nuremberg fazia parte da zona de ocupação norte – americana. Sendo esses julgamentos chamados de “Julgamentos Subsequentes de Nuremberg”.

Embora não esteve destacado nas mídias do mundo, esses outros julgamentos também foram importantes para se analisar a mentalidade nazista. Desses doze, vale ressaltar o julgamento dos médicos dos campos de concentração.

O julgamento dos médicos em Nuremberg se teve inicio em 9 de Dezembro de 1946 e durou até 20 de Agosto de 1947. O juiz Walter Beals da Suprema Corte do Estado de Washington presidiu o tribunal. Vinte e três acusados foram processados, inclusive Karl Brandt, que foi um dos médicos pessoais de Adolf Hitler. Brandt fora major – general da SS, e ocupara o mais elevado cargo médico do III Reich. Entre outros acusados estavam o tenente – general Siedfried Handloser (o oficial chefe do Exército), o tenente – general Oscar Schroeder (chefe do serviço médico da Luftwaffe) e o major – general Karl Gebhardt (cirurgião – chefe da SS e presidente da Cruz Vermelha alemã).

De acordo com as acusações esses homens e seus subordinados realizaram “experiências médicas” sádicas em prisioneiros dos campos de concentração e prisioneiros de guerra. As vítimas tinham sido submetidas aos efeitos da alta altitude; foram imersos em água quase congelada; foram expostos ao gás mostarda; foram obrigadas a beber água do mar; haviam sido esterilizados e feridos propositalmente com bombas incendiarias. Os prisioneiros ainda foram infectados proporcionalmente com os vírus fatais como da malária e o tifo, sob o pretexto de que os médicos estavam testando a eficácia de vacinas para tais doenças; porém em todos esses casos não houve intenção alguma de se testar uma cura.

Durante o processo, foram apresentadas aos autos provas da participação da classe médica alemã no genocídio de judeus e outros povos especificamente

no processo seletivo nos campos quando novos prisioneiros eram escolhidos para o trabalho forçado ou para as câmaras de gás. O julgamento também revelou que a Liga de Médicos Nazistas fora criada em 1929, e um dos seus objetivos era a expulsão de médicos judeus da comunidade médica; em 1942 38 mil médicos estavam dentro do Partido Nazista.

Ao longo de mais de sete meses, durante os quais 85 testemunhas fizeram os seus depoimentos e foram apresentados 1.471 documentos como provas, o tribunal concluiu que houve claramente crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Desde o início da 2ª Segunda Guerra Mundial, eram praticados experimentos médicos criminosos em estrangeiros, tanto em prisioneiros de guerra quanto civis. Dezesesseis dos 23 acusados foram julgados culpados. Sete destes foram condenados à morte, nove receberam penas de dez anos de prisão.

3.8 A IMPORTÂNCIA DOS JULGAMENTOS

O nazismo, o mesmo que seu líder profetizava que seu império, seu Reich, duraria mil anos, já se encontrava em ruínas depois apenas 12 anos. Seus líderes e idealizadores, que não tiveram êxito em uma fuga foram processados e condenados; assim como os nazistas, os julgamentos deixaram sua marca no mundo.

Os julgamentos criaram uma idéia de que é possível processar e punir responsáveis por crimes que a comunidade internacional considera imperdoáveis, onde quer que eles sejam cometidos ou por quem os cometeu. Essas pessoas agora não podem mais fugir de suas responsabilidades, agora nenhum chefe de Estado pode se sentir acima da lei e se esconder atrás de um governo do qual alega estar apenas o servindo.

Sem os julgamentos de Nuremberg, não existiria uma estrutura jurídica para fundamentar e processar pessoas responsáveis pelas atrocidades cometidas na antiga Iugoslávia, Ruanda ou Serra Leoa; os julgamentos de tiranos como Saddam Hussein nunca teria acontecido. Agora existem leis internacionais de direitos humanos, e todos podem recorrer aos tribunais quando acharem que seus direitos foram violados.

Essas leis agora existem para desestimular a prática de atos criminosos e para punir os responsáveis. Agora, graças à realização dos tribunais, medidas repressivas existem, para se evitar novas atrocidades com o nazismo fez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou as atrocidades que foram cometidas por 12 anos em nome de uma ideologia absurda que pregava o domínio sobre povos que eles consideravam inferiores. Hitler e seu Partido Nazista se aproveitaram da crise que se acarretoou na Alemanha com as punições impostas pelo Tratado de Versalhes, do qual se ampliou com a crise de 1929. O Partido Nazista apoiando – se de um certo apoio político conseguiu por Hitler no poder em 1933. A partir desse ano a vida na Alemanha mudaria drasticamente no âmbito social e político, onde sindicatos e partidos seria extintos e qualquer meio de da vida social alemã estariam ligadas ao nacional socialismo. Por todos os anos de sofrimento posteriores à Primeira Guerra, os nazistas culpavam um grupo de pessoas: os judeus.

Durante os anos 30, os judeus sentiram a ira, a raiva do Partido Nazista; primeiro os nazistas livraram se de quaisquer, vestígio judeu dentro da cultura alemã, quando queimaram em praça pública pilhas de livros; logo eles extinguiram judaísmo da vida religiosa e social como houve na Kristallnacht. Porém não só judeus sofreram a perseguição nazista, outros grupos também foram perseguidos, incluindo, deficientes físicos e mentais; gays; religiosos; ciganos e adversários políticos.

Ainda fora, Hitler e seus fieis seguidores, os responsáveis pela Segunda Guerra Mundial, sendo ela uma guerra de agressão, sendo marcada pelo Holocausto. Esse evento que manchou a história da humanidade é lembrada pela morte “industrializada” de milhões, em seus campos de concentração e extermínio. De todos os crimes contra a humanidade, podemos dizer que os nazistas cometeram todos eles.

No final do Reich de mil anos, seus principais idealizadores foram capturados e julgados pelos seus atos de barbaridades e desumanos. Apesar de apenas doze anos no poder, Hitler conseguira deixar uma cicatriz não só na Alemanha, mas no mundo todo, que depois de décadas ainda não se fechou, que deixa para as gerações atuais refletirem e evitar que tais atos ou grupos de extrema se repitam.

REFERÊNCIAS:

ARNAUT, Luiz; MOTTA, Rodrigo P. Sá. A Segunda Grande Guerra: Do nazi - fascismo à Guerra Fria. 2ª ed. São Paulo: Atual, 1996.

AGUIAR, Lílian. O discurso de Hitler. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-discurso-hitler.htm>
Acesso em: 28/04/2017.

CHIARETTI, Marcos. História em Movimento: A Segunda Guerra Mundial. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

CONFINO, Alon. Um Mundo Sem Judeus: Da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista. 1ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2016.

DANTON, Gian. Monteiro Lobato, a Eugênia e o Preconceito. Disponível em: http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3281&titulo=Monteiro_Lobato,_a_eugenia_e_o_preconceito. Acesso em 05/07/2017.

GEARY, Dick. Hitler e o Nazismo. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HITLER, Adolf. Mein Kumpf. São Paulo: Editora Moraes, 1983

ISNENGI, Mario. História da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Luiz Cesar B. Discutindo a História: Primeira Guerra Mundial. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1988.

REIS F, Daniel A. A Revolução Alemã: Mitos e Versões. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROLAND, Paul. Os Julgamentos de Nuremberg – Os nazistas e os seus crimes contra a humanidade. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2013.

SHEIRER, William. Ascensão e Queda do Terceiro Reich. 4° vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.